

Jane Austen
Adaptação de João Pedro Roriz

Orgulho e preconceito



JANE AUSTEN
Adaptação de João Pedro Roriz

Orgulho e preconceito



Sumário

[CAPA](#)

[ROSTO](#)

[DEDICATÓRIA](#)

[INTRODUÇÃO](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[COLEÇÃO](#)

[CRÉDITOS](#)

*Agradeço a Natalia Lessa, pela colaboração neste projeto
e pelo amor devotado a mim em nossa primeira primavera.*

INTRODUÇÃO

A jovem escritora Jane Austen, tão senhora de sua incrível maturidade, nos deixou um legado de romances que contextualizaram a sociedade de sua época. Estamos na Inglaterra do século XVIII e aqui nos deparamos com as castas formadas por ricos, burgueses e nobres. A despeito dos cenários antigos descritos neste livro, o jovem leitor se deparará com um mundo moderno, pois, por detrás de todas as pompas, ritos sociais e regras de etiqueta muito comuns à época, mora soberana na obra de Austen a crítica ao caráter humano, sempre diversificado e atemporal.

Eu desafio o leitor a encontrar na descrição de cada uma destas personagens o caráter daquele que lhe é próximo para descobrir porque esta obra atravessou os séculos e tornou-se uma unanimidade entre literatos e estudiosos. Jane Austen, além de documentar o convívio das pessoas de sua época, denota através de sua prosa um controle imenso do humor e da ironia – figura de linguagem que exerce total influência em suas elocuções – e delata a hipocrisia, a superficialidade e os estereótipos que até hoje se mantêm em voga em nossa sociedade.

Jane Austen, apesar de ter sido considerada um fenômeno, principalmente no que tange à expressão dos sentimentos femininos, não escapou de críticas que consideraram seu trabalho imaturo em várias passagens. Essa imaturidade advém principalmente da inexperiência como escritora e de uma ansiedade orgânica contida em suas descrições. Essa ansiedade transforma seu livro, *Orgulho e preconceito*, em um misto de narrativa e vivência, que confunde suas opiniões autorais com as opiniões da heroína da história (Elizabeth Bennet).

Nesta adaptação de *Orgulho e preconceito*, busquei simplificar a linguagem, resumir o texto e passar a narrativa para a primeira pessoa, sem coibir a mensagem e o trato erudito do discurso tão bem articulado e de invejável criatividade.

Espero, sinceramente, que o jovem leitor aprecie esta adaptação e que, futuramente, graduado pela maturidade de sua fase adulta, leia os livros de Jane Austen lapidado por sua ansiosa e inquieta pré-disposição intelectual.

João Pedro Roriz

Finalmente, Netherfield Park, um enorme solar de nossa cidade, foi alugado! Estava há muito tempo vazio, esperando por alguém rico o bastante para pagar seu preço. Senhor Bingley, um rapaz de vinte e poucos anos, origem inglesa, bem apessoado e dono de grande fortuna, visitou a propriedade segunda-feira passada e fechou o negócio com o Sr. Morris. Minha mãe, senhora Bennet, ficou ouriçada quando soube que seria vizinha do milionário. Sua amiga, senhora Long, se apressou em contar a novidade hoje cedo em nossa casa e avisou que Sir William e sua esposa, senhora Lucas, planejavam visitar o recém-chegado.

– Você sabe que eles não visitam recém-chegados. – disse minha mãe, impaciente, ao marido. – É certo que desejam casar uma de suas filhas. Precisamos fazer algo a respeito, afinal tenho a mesma intenção.

Meu pai estava concentrado em suas atividades intelectuais e preferiu não dar atenção à mulher.

– O homem é solteiro e muito rico. – gritou minha mãe. – Quatro ou cinco mil libras por ano! Você precisa visitar o senhor Bingley quando ele chegar.

– Ora, minha senhora – disse meu pai, – posso escrever uma carta para o recém-chegado endossando nossa vontade de casar uma de nossas filhas e enviá-la por você.

– Não gostaria de assumir esse compromisso sozinha.

– Por que não? Senhor Bingley terá muito prazer em recebê-la em sua propriedade. Tenho certeza que nosso novo vizinho gostará de uma de nossas filhas. Faço votos que Lizzy seja sua escolhida.

Meu pai sempre manifestara sua preferência por mim, apesar de minha mãe achar Jane a mais bonita, Mary mais inteligente, Kitty a mais bem-humorada e Lydia...

– ... é como a maioria das moças – desdenhou meu pai, – tola e ignorante.

Minha mãe não podia ouvir falar mal de suas meninas. Colocou as mãos na cabeça e pediu misericórdia de seus nervos.

– Seus nervos são meus velhos amigos. – disse meu pai. – Escutei você falar deles com grande consideração durante os últimos vinte anos.

– Oh, como eu sofro, como eu sofro! – desarvorou senhora Bennet. – É necessário travar relações com jovens cavalheiros, ou jamais casaremos nossas cinco filhas.

– Deixe estar, senhora Bennet. – disse meu pai, cedendo. – Se vinte novos milionários fixassem residência em nossa vizinhança, eu visitaria todos.

No dia seguinte, minha mãe comentava que senhora Long daria um baile em homenagem ao senhor Bingley, quando meu pai entrou na sala e disse:

– A senhora poderá se adiantar e apresentar o senhor Bingley a ela.

– Impossível, se não temos contato com o homem. – fez careta minha mãe. – O senhor é um provocador! Estou enjoada deste assunto.

– É uma pena saber. – sorriu meu pai. – Se eu soubesse, não teria me dado ao trabalho de visitar o milionário. Que pena! Agora fica impossível evitar uma relação com o rapaz.

Ficamos atônitas. Nosso ar estupefato era exatamente o que meu pai desejava causar. Minha mãe não conseguiu disfarçar sua satisfação:

– Que excelente pai as meninas têm! Eu sabia que o senhor não desprezaria tamanha oportunidade, meu marido.

Ficamos o resto da noite conjecturando sobre o baile. Minha mãe achava que Lydia seria a escolhida para acompanhar o senhor Bingley, o que deixou minha irmã extremamente ansiosa:

– Não tenho medo disso, pois, embora eu seja a mais jovem, sou também a mais alta de nós.

Os dias que sucederam aquela noite, foram de nervosismo e ansiedade. Minhas quatro irmãs suspiraram quando souberam que o rapaz tencionava convidar alguns amigos para o baile e dançar com as moças da cidade. Só não ficaram muito felizes quando souberam que algumas senhoras viriam junto com o grupo.

Finalmente o dia do baile chegou e nossos medos foram substituídos pelo alívio: senhor Bingley trouxera apenas três irmãs de Londres, sendo duas solteiras e uma casada. A aparência de nosso afamado vizinho era agradável, sem afetação nos gestos, simpático e fino ao andar. Entrou no salão acompanhado das irmãs, um cunhado e outro rapaz solteiro. Era visível que suas irmãs eram pessoas distintas: vestiam-se com roupas da última moda e o cunhado, senhor Hurst, era um verdadeiro *gentleman*. O amigo do senhor Bingley, senhor Darcy, atraiu desde cedo a atenção das pessoas por causa de sua estatura, elegância, beleza física, atitude nobre e pela notícia que circulou, cinco minutos após sua entrada, de que possuía um rendimento anual de dez mil libras. Infelizmente, suas atitudes durante o baile provocaram certo desapontamento que alterou sua popularidade. Descobrimos que senhor Darcy, dono da grande propriedade de Pemberley, no Derbyshire, era um homem orgulhoso – de temperamento arreado e mal-humorado, indigno de ser comparado ao amigo.

Eu fiquei sentada durante duas danças, devido à falta de cavalheiros no salão. Senhor Bingley acabara de dançar e, animado, convidou o senhor Darcy a fazer o mesmo com qualquer outra dama em espera.

– Salvo suas irmãs, não existe mulher neste salão com quem eu poderia dançar sem sacrifício. – disse o senhor Darcy. – Você está dançando com a única moça realmente bonita que veio a esta festa. Apesar de sorrir demais, é boa moça.

A moça a quem se referiam era minha irmã mais velha.

– Sim – concordou senhor Bingley, – minhas irmãs também tiveram a mesma impressão a respeito da senhorita Bennet e me autorizaram a pensar nela como quisesse. É a moça mais bonita que já conheci.

Senhor Bingley notou que eu estava a espera de um cavalheiro para dançar e disse ao amigo:

– Estou vendo que a irmã de Jane está sentada atrás de você. Ela me parece muito bonita e agradável.

Senhor Darcy olhou para trás e encontrou meus olhos. Num ímpeto, voltou-se para o amigo e disse friamente:

– Não quero perder meu tempo com moças que são desprezadas por outros homens. Está perdendo seu tempo comigo, Charles. É melhor você voltar para os sorrisos de seu par.

Não pude deixar de ouvir a conversa dos dois e, diante daquela ofensa, tomei grande antipatia pelo senhor Darcy. Apesar da injúria, não me abati durante a festa e, ao conversar com minha amiga Charlotte, até me diverti com a história, pois possuía um espírito bom e brincalhão.

Quando voltamos para casa, encontramos senhor Bennet ainda acordado.

– Jane foi tão admirada, senhor Bennet! – disse minha mãe ao entrar na sala. – Foi a única moça que dançou duas vezes com o senhor Bingley, imagine só. Ele dançou primeiro com a senhorita Lucas, depois com Jane, depois com senhorita King, com Maria Lucas, com Lizzy, senhorita Boulanger e, novamente, com Jane.

– Pelo amor de Deus! – brandiu meu pai. – Tenha compaixão por mim. Antes ele tivesse torcido o pé na primeira dança.

Mas nossa mãe estava eufórica e continuou seu relato:

– ... fiquei encantada com o senhor Bingley! Mais elegante do que ele só os vestidos de suas irmãs.

– Por favor, minha senhora, sem descrições de toaletes!

Após esse protesto, minha mãe calou-se por um instante e passou a relatar suas más impressões a respeito do senhor Darcy:

– Lizzy não perdeu muito por não corresponder às preferências daquele homem, pois ele é desagradável e antipático. Eu odiei aquele homem.

A madrugada chegou para acalmar nossas almas, mas Jane, apaixonada, não conseguia dormir:

– Ele me tirou para dançar duas vezes. Não esperava tamanho galanteio.

– Como não? – indaguei estupefata. – Você era cinco vezes mais bonita do que qualquer outra moça na sala. Dou-lhe licença para gostar deste rapaz, pois você,

minha cara irmã, já gostou de pessoas mais estúpidas.

Jane sorriu conformada com a crítica e, com voz baixa, disse:

– A princípio não gostei das irmãs do senhor Bingley, mas mudei de opinião depois de conversar com elas. Soube que a senhora Bingley dirigirá Netherfield Park.

Fechei os olhos sem me convencer tão facilmente. A despeito dos sonhos de minha irmã, não me sentia disposta a aceitar aquelas pessoas. As irmãs de senhor Bingley eram fúteis, orgulhosas e convencidas. Soube que eram donas de um montante acumulado de vinte mil libras e pareciam gastar mais do que necessitavam.

No dia seguinte, minha amiga Charlotte, filha da senhora Lucas, veio com a mãe e o irmão para uma breve visita. Já esperávamos por isso, pois era comum nossas mães se encontrarem após um evento tão importante. Charlotte não parecia estar muito feliz, mas se alegrou quando minha mãe puxou assunto com ela:

– Você teve um bom começo de noite, Charlotte. Foi a primeira que o senhor Bingley escolheu para dançar.

– Sim, – respondeu minha amiga – mas ele gostou mais do segundo par.

– Pelo visto você está se referindo a minha Jane. – disse minha mãe. – Senhor Bingley dançou com ela duas vezes e é certo que ele a achou interessante.

– Tenho certeza disto – disse Charlotte, com doçura, – ouvi uma conversa reservada entre ele e o senhor Robinson de que a mulher mais bonita no salão era a mais velha das senhoritas Bennet.

– Sim, sim... – disse minha mãe tomando uma xícara de chá. – Essa resposta me pareceu muito pronta. No entanto, tudo pode dar em nada, vocês sabem.

Senhora Lucas olhou para mim e, sentindo uma falsa pena, esboçou um sorriso:

– Elizabeth já não teve a sorte de ouvir conversas assim tão agradáveis. Soube que o senhor Darcy não foi tão amável quanto o amigo.

Minha mãe interferiu e pediu que a amiga não incitasse ressentimentos em mim:

– ... esse homem é muito desagradável. – completou minha mãe. – A senhora Long disse que ele ficou sentado ao seu lado durante trinta minutos sem sequer abrir a boca. Quando ela perguntou se estava gostando de Netherfield, o grosseirão não teve outra saída senão responder.

Jane tentou defender o amigo de seu par:

– O senhor Bingley me disse que o senhor Darcy é muito calado, mas se torna extremamente agradável quando está na companhia de pessoas mais íntimas.

– Não acredito. – disse minha mãe. – Se eu fosse Lizzy, da próxima vez, me recusaria a dançar com este homem.

Aproveitei a oportunidade para jurar ali mesmo que jamais dançaria com o senhor

Darcy, mesmo se ele me pedisse. Todos rimos, menos Charlotte, que me pediu para falarmos a sós:

– Vejo que Jane está apaixonada pelo senhor Bingley – disse-me, com um sorriso de canto de boca.

– Sim, mas ela esconde seus sentimentos com genialidade. Isso é importante para manter a etiqueta perante as pessoas.

– Ah, mas se uma mulher esconde sua afeição com tamanha habilidade, pode acabar perdendo seu pretendente. Uma relação amorosa se constitui em um jogo de vaidades, onde é necessário demonstrar o amor que se sente pelo outro.

– Ora, senhor Bingley teria que ser muito simplório para não perceber os sentimentos de Jane.

– O rapaz não a conhece tão bem quanto você, minha cara Lizzy.

– Jane está agindo conforme manda seu coração. Não está seguindo um plano de conquista. Acho que ela terá êxito em sua relação com o senhor Bingley.

– Sim. – concordou minha amiga. – Desejo a ela toda sorte do mundo.

Confesso que aquela conversa com Charlotte me deixou preocupada por alguns dias, mas assim que visitamos a família do senhor Bingley em Netherfield pude ver que minha irmã agia da maneira correta, polida no trato com os parentes de seu pretendente e ao mesmo tempo atenciosa ao amado. As irmãs do milionário, apesar de tratar Jane muito bem, olhavam para o resto de nossa família com total desaprovação. Já senhor Darcy, que me julgara desinteressante durante a festa, começava ali, naquela casa, a nutrir certos sentimentos por mim. Senhor Darcy, que há poucos dias me criticara, sentia uma enorme humilhação interna ao perceber que meus olhos negros davam ao meu rosto um certo ar de inteligência. Para poder se aproximar de mim, começou a espreitar minhas conversas e participar de meus assuntos com outras pessoas. Reclamei com minha mãe:

– Senhor Darcy parece ser ainda mais impertinente do que achávamos. Estou começando a sentir medo dele. Acredita que ele quis ouvir uma de minhas conversas com a senhorita Bingley?

Não obstante, novamente senhor Darcy se aproximou de mim, obrigando minha mãe a mudar de assunto:

– Vamos abrir o piano! Lizzy precisa apresentar uma de suas odes musicais.

Fiquei envergonhada, como sempre, mas concordei em tocar o piano:

– Minha mãe gosta que eu cante e toque em público. Se eu tivesse uma tendência musical, agradeceria, mas não é o caso.

Minhas palavras ocasionaram um riso contido na boca do senhor Darcy, que parecia encantado com meu jeito de falar. Sentei ao piano e, não de modo brilhante, toquei

duas canções. Foi o que bastou para que as pessoas me pedissem *bis*, mas eu preferi dar o lugar a Mary que, sempre estudiosa, parecia estar muito mais preparada para demonstrar seus talentos com o instrumento.

Minha mãe aproveitou o ensejo para conversar com o senhor Darcy:

– O senhor não gosta de dançar, senhor Darcy?

– A senhora me viu dançando em Meryton?

– Não, mas gostaria de ter o prazer. Eu considero a dança uma das formas mais cultas de diversão no mundo civilizado.

Senhor Darcy deu um suspiro entediado e respondeu:

– E, com certeza, tem a vantagem de estar na moda entre sociedades menos requintadas, afinal os selvagens também dançam.

Enquanto isso, senhor Bingley aproveitava o som de Mary ao piano para dançar com as senhoritas Bennet.

– Senhor Bingley dança muito bem, acho que o senhor podia dar um baile em Pemberley. Não acha que seria uma homenagem digna para aquele local?

Senhor Darcy não respondeu, preferindo dar atenção ao senhor Hurst, que chegara com alguma bebida. Eu estava próxima dali quando o senhor Hurst me pegou pela mão:

– Senhorita Bennet, não está dançando? Deixe-me apresentá-la ao senhor Darcy como um par bastante desejável.

Senhor Darcy pegou minha mão e eu recuei diante dos olhares de minha mãe. Havia prometido que jamais dançaria com aquele homem.

– A senhorita dança tão bem, senhorita Elizabeth – insistiu senhor Hurst, – que seria cruel negar-nos o prazer de vê-la dançando. Apesar do senhor Darcy não admirar essa forma de diversão, sei que não fará objeção em dançar com a senhorita.

– Sim – sorri com o canto da boca, – sei o quanto o senhor Darcy é amável.

Senhor Darcy estendeu-me a mão. Novamente eu recuei:

– Não tinha a intenção de dançar, senhores.

Por mais que minha resistência parecesse ofensiva, senhor Darcy não se aborreceu. Ao contrário, continuou a olhar-me com grande interesse. Por onde eu andava, seus olhos me seguiam. Senhorita Bingley, que muito admirava senhor Darcy, se aproximou do cavalheiro e exprimiu sua opinião a respeito de minha família:

– Penso que, a despeito do ar de importância de nossos convidados, perdemos nosso tempo com essa futilidade toda.

– Asseguro que a senhora está equivocada. – respondeu senhor Darcy. – Estava

pensando em coisas agradáveis, meditando sobre o prazer que tenho quando encontro uma mulher com um par de olhos tão bonitos.

Senhorita Bingley demonstrou o desejo de conhecer o nome da moça que lhe inspirava pensamentos tão poéticos.

– Senhorita Elizabeth Bennet. – respondeu senhor Darcy.

– Senhorita Elizabeth Bennet? – indagou Senhorita Bingley, como que assombrada. – Desde quando nutre sentimentos por ela? Quando poderei lhe desejar felicidades?

– Ah, mulheres... – disse senhor Darcy com toda sua ironia – a imaginação de vocês é muito rápida: vai da admiração para a paixão e da paixão para o casamento em um mesmo instante.

Senhorita Bingley olhou para minha mãe aplaudindo excessivamente a dança do senhor Bingley e concluiu:

– Terá uma sogra encantadora.

Os dias subsequentes à nossa visita ao Netherfield Park foram de muita euforia para minhas irmãs mais novas. Perto de nossa residência, a uma distância de um milha, passou a residir um grupo de oficiais do exército. A distância convinha às moças que gostavam de passear de manhã. Katherine e Lydia começaram a transitar por ali três ou quatro vezes por semana, sob o pretexto de visitar nossa tia em Meryton. De fato, as caminhadas serviam para preencher as horas da manhã e fornecer assuntos para as conversas da noite. Quando as conversas durante o caminho eram insuficientes, as meninas sabiam que podiam contar com as novidades de nossa tia, senhora Phillips. Nosso pai, cansado de ouvir falar dos mesmos assuntos, ao ver as duas conversando sobre soldados em nossa mesa de jantar, disse:

– Eu já suspeitava, mas pela conversa que as senhoritas estão travando, estou convencido de que vocês são as donzelas mais estúpidas do país.

Minha mãe logo se impôs:

– Fico assustada com a facilidade como trata suas filhas como estúpidas.

– Ora, se elas são estúpidas, prefiro não me iludir.

– Nossas filhas mais novas são mais inteligentes do que todas as moças que conheço da mesma idade.

– Eu me gabo de entrar em desacordo com você neste ponto. – disse meu pai. – Acho que nossas duas filhas mais moças são demasiadamente tolas.

Minha mãe defendeu-as novamente e aproveitou a oportunidade para causar ciúmes no marido:

– Eu também gosto de homens fardados. O coronel Forster fica elegantíssimo quando está com sua túnica azul. Se algum coronel rico, com seis ou sete mil libras anuais, pedir a mão de uma de nossas garotas, é certo que não negarei.

A discussão não tardou em acabar, pois um mensageiro de Netherfield Park chegou com uma carta para Jane. Senhora Bennet torturou sua filha mais velha para que abrisse a missiva e lesse o texto em voz alta. Era um convite remetido pela senhorita Caroline Bingley para que fosse jantar com ela e a irmã.

– Ah, que pena, – disse minha mãe. – O senhor Bingley não estará em casa.

– Posso pegar a carruagem, mamãe? – indagou Jane.

Minha mãe olhou para o céu e, ao prever chuva, achou melhor que sua filha mais velha fosse a cavalo, pois, se caísse a tormenta, teria que dormir no Netherfield Park. Jane insistiu em ir de carro, mas nossa mãe foi vigorosamente contra:

– Seu pai precisará da carruagem amanhã.

Desse modo, Jane apressou-se e montou o cavalo para chegar até Netherfield. Não tardou e a chuva desabou, para felicidade da senhora Bennet:

– Que feliz ideia eu tive! Jane não poderá voltar devido ao mau tempo e precisará pernoitar na casa do senhor Bingley.

– Que feliz ideia você teve. – repetiu senhor Bennet, com peso grave na voz. – Se sua filha se adoentar e morrer, a senhora se confortará em saber que foi por uma boa causa.

Quando amanheceu, recebemos um bilhete de Jane confirmando as previsões pessimistas de meu pai: estava gripada e as irmãs do senhor Bingley a impediram de voltar para nossa casa. Decidi visitar minha irmã e, mesmo com a rua encharcada de lama, saí em direção ao Netherfield Park. Os Bingley estavam todos na sala de almoço, com exceção de Jane. Apesar dos comentários heroicos que fizeram em relação à minha longa caminhada, senti que, intimamente, me desprezavam. Senhor Darcy me olhava, como que admirando meu rosto avermelhado por causa do exercício, e talvez tenha imaginado que eu estivesse ali por sua causa. Na verdade, minha intenção era ver o estado de minha irmã e fui levada ao quarto, onde fui recebida com alegria por Jane. Ela estava acamada, com forte febre e dores de cabeça. O farmacêutico foi chamado e lhe receitou diversos remédios. Sua situação ficou pior à noite e precisei aceitar o convite das senhoritas Bingley para pernoitar em sua residência, para cuidar melhor de minha irmã mais velha.

Na hora do jantar, reuni-me com a família Bingley ao redor da mesa e pude observar o quanto minhas anfitriãs me desprezavam. Sentia nítido incômodo das senhoritas Bingley com a minha presença em sua casa, como se eu fosse uma intrusa, talvez pelo fato da mais velha sentir-se atraída pelo senhor Darcy. Não fosse a complacência e o bom humor de seu irmão, não poderia ter suportado tamanha antipatia.

Após o jantar, pedi licença aos meus anfitriões e subi para cuidar de minha irmã. Antes de chegar à escada, pude ouvir comentários maldosos a meu respeito:

– Senhorita Elizabeth não tem estilo, gosto ou beleza; apenas uma mistura de orgulho e aspereza.

– Ela não tem nada que eu recomende. – disse senhor Hurst, cunhado de Bingley. – Parecia uma selvagem quando chegou hoje de manhã.

– A saia cheia de lama...

Senhor Bingley defendeu-me, alegando que não reparara em minha roupa e que reverenciava a minha preocupação por Jane.

– Caro Charles – disse sr. Hurst, – ela me parece dotada de um conceito infeliz de independência.

A senhorita Bingley se sentiu autorizada a ironizar Darcy:

– A aventura da senhorita Bennet afetou a admiração que tinha pelos seus belos olhos?

– De modo algum. – replicou. – Achei que o exercício a deixou ainda mais bela.

Não obstante, deixaram de falar de mim para dirigirem elogios à Jane, sem deixar de menosprezá-la por ser de uma classe social inferior. Senhora Hurst chegou a afirmar que minhas irmãs não conseguiriam se casar tendo um “pai daquele, uma mãe daquela e relações tão baixas”.

Após o jantar, as senhoritas Bingley não tardaram em subir para ficar em nossa companhia no quarto de Jane, mas assim que a governanta da casa anunciou a hora do café, descemos para a sala de estar. Convidaram-me para um jogo de cartas, mas recusei. Eu sabia que estavam apostando alto e preferi me recolher em uma poltrona, na companhia de um livro. As senhoritas Bingley me olharam com espanto:

– Prefere ler a jogar cartas? Que estranho.

Senhor Bingley declarou que possuía uma pequena biblioteca, muito discreta em relação ao tamanho daquela casa e mesmo assim tivera preguiça de ler todos os livros que dispunha. Logo a conversa tomou outro rumo: agora discutiam o local onde o senhor Bingley deveria finalmente comprar sua residência. Senhor Darcy o encorajava a comprar uma casa igual a sua, em Pemberley, pois segundo o milionário “não havia nada mais aprazível em todo o território inglês do que o Derbyshire”.

– Estou tentando convencer Darcy a vendê-la, mas ele não quer... – sorriu senhor Bingley.

– Estamos falando de possibilidades reais, Charles.

– Ora, só acho que é mais fácil comprar Pemberley do que imitá-lo.

Estranhamente me sentia atraída por aquela conversa, a ponto de deixar minha leitura de lado. Senhora Hurst tentava chamar a atenção de todos para o jogo, mas os assuntos se sucediam intermitentemente:

– Sua irmã cresceu muito, não é, Darcy? – indagou uma das senhoritas Bingley.

– Ah sim, Georgiana, está do tamanho da senhorita Elizabeth Bennet.

– Sua irmã é prendada para a idade. – declarou senhor Bingley. – Espanta-me o modo como as moças, de maneira geral, são diligentes. Não conheço uma que não desenhe mesas, forre biombos e produza bolsas de tricô.

– Não me gabo de conhecer mais de meia dúzia de mulheres realmente prendadas. – disse Darcy.

– Nesse caso – observei, – o senhor deve ser exigente ao escolher uma mulher.

– Sem dúvida, exijo muitas qualidades. – respondeu o milionário.

A senhorita Bingley aproveitou a oportunidade para expor os qualitativos de uma mulher perfeita: a mulher deveria se elevar muito acima da média, conhecer música, saber cantar, desenhar, dançar, falar línguas modernas e, acima de tudo, possuir um

certo “quê” ao andar, ao falar e exprimir-se.

– ...e, claro – replicou senhor Darcy sem tirar os olhos das cartas, – possuir desejo pela leitura.

Depois de ouvir todos aqueles conceitos, expus minha opinião:

– Devo acreditar então que ao invés do senhor conhecer apenas seis mulheres prendadas, deva conhecer nenhuma, pois não conheço mulher que reúna tantas qualidades.

Minha fala motivou protestos de todos. Aproveitei aquela oportunidade para me ausentar da sala e mais uma vez ouvi comentários a meu respeito:

– Senhorita Elizabeth procura se valer aos olhos dos homens falando mal de seu próprio sexo... – disse senhorita Bingley. – Na minha opinião, foi um infeliz estratagema.

– Todo estratagema é infeliz, minha cara – disse Darcy com tom irônico. – É certo que existe baixeza em todos os estratagemas que as senhoras tentam nos aplicar.

No dia seguinte, Jane sentia-se melhor, mas ainda estava impossibilitada de ir para casa. Nossa mãe recebeu esta notícia com muita alegria e pôs-se ao caminho de Netherfield com suas filhas mais novas. Ao chegar, disse para nosso anfitrião:

– Jane está em um quarto ótimo, senhor Bingley. Não me lembro de ter conhecido um local tão aprazível como essa residência. Sei que alugou Netherfield por pouco tempo, mas espero que o senhor não tenha pressa em sair daqui.

– Gosto de fazer as coisas sem pensar, senhora Bennet. – replicou senhor Bingley – Se resolvesse deixar essa casa o faria sem pestanejar.

Ouvi aquele comentário e disse:

– Eu já podia imaginar isso de sua parte.

Meu anfitrião fitou-me com estranheza:

– A senhorita parece entender de comportamento...

– Acho pouco provável – cortou senhor Darcy, – afinal, senhorita Elizabeth mora no campo e aqui existe pouca variedade de tipos para uma compreensão mais profunda sobre o assunto.

Minha mãe não entendeu as palavras do milionário e pôs-se a defender o local onde morávamos:

– Pois saiba que nossa região é ricamente habitada. Nós convivemos aqui com um pouco mais de vinte famílias.

Após a declaração infeliz de minha mãe, apenas o senhor Bingley se esforçou para segurar o riso. Tentei mudar de assunto, mas minha mãe continuou com suas terríveis gafes:

—...sir Williams, por exemplo, é um homem educado e gentil... Tem sempre algo a dizer e é bem diferente do que certas pessoas que nunca abrem a boca para conversar...

Enquanto minha mãe falava sem parar, minhas irmãs mais novas se comunicavam em segredo e davam risadas. Olhei sério para Lydia que, sem grandes cerimônias, disse ao dono da casa:

— O senhor prometeu dar um baile no Netherfield, senhor Bingley!

— É verdade — respondeu, — mas vou esperar pela melhora de Jane.

— Ah, melhor assim. — disse a jovem de quinze anos, tão cedo apresentada à sociedade por nossa mãe. — Assim, dará tempo do Capitão Carter retornar de sua missão.

Na hora de partir, senhora Bennet agradeceu novamente à senhorita Bingley pela estada de suas filhas naquela casa, desculpando-se pelos transtornos etc. A anfitriã respondeu com amabilidade superficial e obrigou a irmã mais nova a fazer o mesmo. Minha mãe e minhas irmãs partiram para Longbourn e eu voltei para o quarto de Jane, deixando senhorita Bingley à vontade para tecer mais comentários maldosos sobre minha família:

— Em relação à sua futura sogra, senhor Darcy, mostre a ela as vantagens de ser menos tagarela e, se tiver disposição, tire das mais novas a mania de perseguir os oficiais.

— Mais alguma sugestão para a minha total felicidade doméstica, senhorita Bingley? — indagou Darcy com o humor contumaz.

— Quando casar-se com ela, pendure o retrato do tio da senhorita Bennet, advogado, ao lado dos retratos do seu tio-avô, o juiz. São do mesmo ramo, apesar de serem pessoas muito diferentes. Quanto ao retrato dela, é melhor nem tentar, pois nenhum pintor no mundo seria talentoso suficientemente para reproduzir olhos tão belos...

Mais tarde, as senhoritas Bingley subiram para nos fazer companhia no quarto de Jane e à noite, após o retorno dos senhores, fui convidada a me reunir com o grupo na sala de estar. Senhor Darcy tentava escrever uma carta para a irmã enquanto senhorita Bingley tentava, em vão, chamar-lhe a atenção:

— O senhor escreve muito bem... é rápido na escrita e que letra linda! Deve ser entediante escrever muitas cartas por ano, não é, senhor Darcy?

— Sim, sim... para sua sorte sou eu quem as escreve e não você.

— Diga para senhorita Darcy que estou com saudades dela e que achei lindo o desenho que fez para a última mesa. Diga-lhe também que estou muito feliz de saber que está tocando harpa e...

— Desculpe, senhorita Bingley, mas não creio que haja espaço nesta carta para tantas solicitações.

Diante do silêncio que se abatia sobre nós, convidamos senhorita Bingley a tocar piano. A senhora Hurst cantou com a irmã enquanto eu folheava uns livros com partituras. Senhor Darcy não parava de me olhar e dirigiu-se a mim, estendendo a mão e convidando-me para dançar. Achava estranho ser objeto de admiração de um homem tão rico, principalmente devido a minha indiferença em relação a ele.

– A senhora não gostaria de aproveitar a oportunidade para dançar? – insistiu senhor Darcy após o meu silêncio.

– Não dançarei com o senhor, pois sei que quer apenas ter o prazer de criticar as minhas preferências. Agora o senhor pode me desprezar, se for do seu agrado.

– Eu não ousaria...

Fiquei espantada com a delicadeza com que me respondeu. Imaginei naquele momento que o senhor Darcy pudesse estar realmente fascinado por mim. Ao nos ver conversando, senhorita Bingley sentiu-se enciumada. Eu sabia que a moça esperava o restabelecimento total de minha irmã para me ver longe dali e estava realmente feliz em saber que eu poderia voltar para casa em no máximo um ou dois dias.

No dia seguinte, para surpresa de todos, Jane apareceu comigo na sala. As senhoritas Bingley se mostraram contentíssimas e a cercaram de carinho. Quando os senhores chegaram, porém, senhorita Bingley mudou o foco de sua atenção para o senhor Darcy. Os senhores ficaram muito felizes com a recuperação de minha irmã, principalmente o senhor Bingley, que após cuidar para que Jane ficasse aquecida em frente à lareira, sentou ao seu lado e dispensou atenções quase que exclusivamente a ela. Senhorita Bingley, vendo que o senhor Darcy buscava se entreter com uma leitura, abriu um livro ao seu lado e disse:

– Ah, nada mais interessante do que uma boa leitura. Quando eu tiver minha própria casa, não poderei viver sem uma grande biblioteca.

Senhor Darcy preferiu desprezar o comentário de sua companheira de leitura. Senhorita Bingley, sentindo que não receberia atenção do rapaz, chamou-me para um passeio. Estranhei o convite, mas levantei-me para acompanhá-la. Rapidamente, senhor Darcy fechou seu livro e indagou:

– Por que as senhoritas desejam se recolher tão cedo?

Percebi que a senhorita Bingley me usara para, finalmente, receber alguma atenção de senhor Darcy.

– Deseja vir conosco, senhor Darcy? – indagou senhorita Bingley.

– Não seria boa ideia. Se as senhoritas vão conversar em segredo ou ter alguma conversa em particular, seria uma falta de educação de minha parte acompanhá-las... Se pretendem desfilas suas elegâncias, estou certo de que posso admirá-las melhor daqui.

– Oh, ele está caçoando de nós. – exclamou senhorita Bingley. – Devíamos castigá-lo.

– Íntimos que são – eu disse, – imagino que não seja difícil provocá-lo.

– Eu não poderia provocar uma pessoa dotada de tamanha presença de espírito. Ele certamente ganharia de nós nesse terreno. Acho que seria impossível rir de alguém como senhor Darcy.

– Nesse caso – repliquei, – não deveríamos nos relacionar com ele, pois gosto muito de rir.

Arranquei gargalhadas de todos. Senhor Darcy, com um sorriso nos lábios, me disse:

– Sou uma pessoa que faz da ironia o meu único fim na vida.

– Tenho felicidade de saber que não sou assim. – respondi. – Me divirto com as loucuras, absurdos e incoerências das pessoas e sei que é disso que o senhor carece.

– Assumo que tenho um gênio ríspido e rancoroso. Quando perco a boa opinião sobre alguém, está perdida para sempre.

Eu sorri com a declaração de senhor Darcy e disse:

– O senhor soube escolher bem seus defeitos, assim como o orgulho e o preconceito.

– No orgulho se possui algum mérito quando se é inteligente.

Todos na sala esconderam o riso.

– Não se sinta mal por isso, senhor Darcy. – continuei. – Existe em todos uma tendência para um tipo específico de mal, do qual nem mesmo a boa educação consegue esconder.

– O seu mal é o de recusar-se a compreender os outros.

– E o seu é a tendência a odiar todo mundo.

Um silêncio tomou conta do local. Senhorita Bingley, aparentemente frustrada por não fazer parte da conversa, se propôs a tocar piano. Todos voltaram para suas diversões, enquanto Darcy olhava-me cuidadosamente. Parecia sentir o perigo eminente de uma paixão. Para sorte de senhor Darcy, seu tormento não tardaria em acabar: eu enviara uma mensagem para minha mãe solicitando a carruagem na manhã seguinte, mas, senhora Bennet, disposta a deixar-nos em Netherfield Park até a semana seguinte, negou-nos o pedido, insistindo que senhor Bingley se alegraria com nossa presença em sua casa. Eu temia o contrário: não queria ser considerada uma intrusa e instiguei Jane a pedir o carro de nossos anfitriões. Minha irmã, certa de suas boas maneiras, solicitou a carruagem ao seu amado, arrancando protestos puramente formais de suas irmãs.

Nossa despedida foi amigável, tendo a senhorita Bingley dispensado maior atenção à Jane na hora da partida. Senhora Bennet nos recepcionou em Longbourn com surpresa e mau humor. Para o senhor Bennet, o regresso de suas filhas mais velhas era motivo de alegria, pois sentia nossa ausência durante as palestras da noite, quando

nos reuníamos para o jantar. Encontramos Mary ocupada em seus estudos, enquanto Katherine e Lydia possuíam diversas informações sobre os regimentos e seus oficiais.

A vida parecia querer voltar ao normal, até que uma carta remetida por nosso primo, senhor Collins, chegou às mãos de meu pai e despertou em nós uma grande preocupação.

3

Meu pai leu a carta enviada por nosso primo e, com tom grave na voz, anunciou para toda a família:

- Senhor Collins virá jantar conosco nesta noite.
- Oh, não suporto sequer ouvir falar no assunto! – exclamou senhora Bennet.
- Faz quinze dias que respondi sua primeira carta, convidando-o para visitar-nos. Nossa situação é muito delicada, pois, como único herdeiro homem, poderá tomar a propriedade de vocês quando eu morrer.
- Oh, tenha piedade de meus nervos!

Eu já havia tentado explicar para minha mãe o aspecto jurídico do caso, mas lhe parecia absurda a ideia de seis mulheres perderem o único patrimônio para um homem que nos era indiferente.

Meu pai tentou defender o primo:

- Apesar de estarmos em uma situação absurda, não culpo o senhor Collins, pois ele não tem culpa de ser meu herdeiro natural.
- Ora – disse a esposa, – é um desaforo escrever-nos uma carta. Você deveria continuar brigado com ele, assim como foi com o pai.

Nosso pai discordou mais uma vez, argumentando que o senhor Collins, em sua carta, parecia dotado de escrúpulos:

- Na primeira missiva, senhor Collins anunciou o falecimento do pai, exprimiu seu desgosto pela briga entre nossas famílias e aproveitou a oportunidade para avisar-nos que havia sido ordenado clérigo da Igreja Anglicana e que almejava paz para chegarmos a uma conclusão sobre o problema das terras em Longbourn.

Senhor Collins chegou pontualmente na hora marcada e, após ser recebido amavelmente por todos nós, nos teceu elogio afirmando que as senhoritas Bennet eram ainda mais bonitas do que ouvira falar. Nosso primo tinha vinte e cinco anos e era um rapaz alto e forte, cerimonioso e com ar grave e imponente.

- Não duvido que em breve suas filhas já estejam todas casadas. – disse senhor Collins.
- Espero que sua previsão se realize, caro senhor Collins, pois não quero vê-las em uma situação difícil.
- A senhora está se referindo à sucessão desta propriedade?
- Isso mesmo. O senhor não admite que a situação das minhas filhas é delicada? Não o culpo por ser o herdeiro natural de Longbourn, pois sei que tudo nessa vida é uma

questão de sorte.

– Não se preocupe, senhora Bennet. Não tenho a intenção de prejudicar suas filhas e vim com o propósito de admirá-las.

O jantar foi servido e senhor Collins demonstrou muito interesse pelo *hall* da casa e pela mobília. Minha mãe teria adorado receber seus elogios se não fosse a terrível suposição de que examinava sua possível futura propriedade. O jantar também recebeu elogios de nosso hóspede:

– Qual de suas filhas preparou esses deliciosos manjares, senhora Bennet?

Minha mãe respondeu asperamente que a família tinha condições de pagar uma cozinheira e que suas filhas não tinham nada a fazer na cozinha. Constrangido, senhor Collins passou a maior parte do jantar se desculpando pelo comentário desagradável.

Senhora Bennet sabia bem das intenções de nosso primo e suas desconfianças se confirmaram no dia seguinte pela manhã, durante a primeira refeição, quando senhor Collins promulgou sua intenção de se casar com uma das senhoritas Bennet. Certamente tencionava casar-se em troca de uma futura apropriação de Longbourn. Minha mãe mostrou-se amável e acolheu o desejo do rapaz, pois além de ser protegido de Lady Catherine de Bourgh, dispunha de uma boa casa e rendimentos. Senhora Bennet, entre sorrisos amáveis, aproveitou a oportunidade para informar que sua filha mais velha provavelmente ficaria noiva em pouco tempo, mas que não sabia de nenhum impedimento em relação às filhas mais novas. Senhor Collins, denotara seu interesse por Jane, mas ao saber de seu impedimento, não teve problemas em transferir seu projeto para mim. Eu não considerava senhor Collins um homem sensato. Embora tivesse cursado uma universidade, não tivera uma educação que compensasse as deficiências de sua natureza fútil.

Depois do almoço, meu pai ocupou-se a manhã inteira com senhor Collins na biblioteca e, pretendendo se ver livre do indesejável visitante, propôs às filhas um passeio a Meryton. Senhor Collins, que tinha mais vocação para andar do que para ler, partiu satisfeito. Durante o passeio, nosso visitante percebeu que não adiantava tentar chamar a atenção de minhas irmãs mais novas. Estas estavam muito ocupadas à procura de oficiais. Não demorou muito e fomos abordados pelo tenente Denny, que nos apresentou seu amigo, tenente Wickham. Kitty e Lydia se encantaram com aquele rapaz desembaraçado, correto e respeitoso.

Não tardou muito, e vimos senhor Darcy e senhor Bingley chegarem a cavalo, de repente. Ao nos avistarem, se apressaram em nos cumprimentar com as devidas cortesias. Estavam a caminho de Longbourn a fim de saber notícias de Jane. Senhor Darcy parecia determinado a não olhar para mim, mas a presença de senhor Wickham chamou-lhe a atenção. Eu olhava para ambos e senti que já se conheciam, pois um empalideceu e o outro corou. Fiquei extremamente curiosa, diferentemente de senhor Bingley que, parecendo não notar o que ocorrera, com as devidas reverências, se despediu com o amigo.

À noite, fomos ao banquete organizado por nossa tia, senhora Phillips, em sua casa e

ficamos limitadas às conversas tediosas de nosso primo, senhor Collins. Para nossa alegria, senhor Wickhan aceitara o convite dos Phillips e comparecera à festa. Seu modo de andar era superior ao dos outros homens da sala e senti que a admiração que eu possuía por ele não era exagerada. Todos os olhares femininos decaíam sobre o recém-chegado de Londres e, diante de concorrência tão desleal, senhor Collins parecia se afogar em sua própria insignificância. Fui a feliz escolhida do senhor Wickhan que, apesar de não gostar de uíste, sentou-se ao meu lado para me ver jogando. Minha curiosidade sobre suas relações com o senhor Darcy era enorme, mas não queria tocar no nome desse homem durante os prazerosos diálogos que travávamos. Não demorou muito e o tenente indagou sobre as relações entre Longbourn e Netherfield. Expliquei as relações de Jane com o senhor Bingley e ouvi outra pergunta:

– Há quanto tempo senhor Darcy vive em Netherfield?

– Há pouco mais de um mês. – respondi, hesitante.

Para não deixar o assunto morrer, acrescentei:

– Soube que o senhor Darcy possui uma enorme residência no Derbyshire.

– Sim, dez mil libras líquidas por ano. Não posso negar que sou o melhor informante sobre este assunto, já que vivi naquela propriedade e fui o protegido do falecido senhor Darcy, pai do atual.

Não consegui deixar de manifestar meu espanto.

– ... ele foi meu padrinho. – continuou senhor Wickhan. – Um homem generoso, talvez o melhor que já tenha pisado naquelas terras. Meu padrinho prometeu-me a paróquia de Derbyshire, mas não tive a oportunidade de assumir o cargo após sua morte, por causa do filho.

– Isso é revoltante! Senhor Darcy não respeitou o desejo do próprio pai? O senhor devia levar o caso aos tribunais.

– A promessa não tem fundamentos legais, pois foi feita verbalmente. Um homem de honra não colocaria em dúvida as predileções do próprio pai.

– Ele merece ser condenado publicamente.

– Tenho certeza que isso acontecerá, mas não por minha causa. Enquanto a memória do falecido senhor Darcy estiver comigo, não denunciarei ou provocarei seu filho. O atual senhor Darcy possui grande antipatia por mim desde a infância devido ao carinho com que seu pai me tratava.

Naquele momento, recordei-me do dia em que senhor Darcy se gabou de ser um homem rancoroso e inflexível em seus ressentimentos.

– Esse senhor Darcy possui um gênio terrível. – eu disse. – Não gostaria de conhecê-lo mais do que conheço, mas passei quatro dias em Netherfield e o achei muito desagradável.

– Não tenho condições de julgá-lo com justiça.

– ... como pôde tratar assim o protegido de seu pai, o afilhado, o amigo...

Eu poderia ter dito naquele momento “um homem tão bonito...”.

– ... um companheiro de infância, uma pessoa íntima... – concluí.

– Sim. Meu pai abdicou de sua vida para servir aos Darcy e, durante anos, administrou seus bens. Durante minha infância, dediquei horas a fim de cuidar da senhorita Darcy, que hoje, com quinze anos, muito orgulhosa como o irmão, diz não se lembrar mais de mim.

– Fico espantada como senhor Bingley, um homem com um temperamento tão bom, pode ser amigo de alguém tão orgulhoso.

– Darcy sabe ser amável quando lhe convém, principalmente na presença de pessoas ricas como ele.

Quando o jogo terminou, senhora Phillips perguntou ao senhor Collins sobre seus sucessos durante o jogo. Com pesar, meu primo esclareceu que havia sido derrotado, mas que não estava incomodado em perder alguns xelins, já que abandonara as pequenas misérias da vida após conhecer Lady Catherine. Senhor Wickhan aproveitou a oportunidade para informar-me em segredo que a protetora do senhor Collins era irmã de Lady Anne Darcy e, por conseguinte, tia do senhor Darcy. Fiquei espantada com a informação e me diverti ao saber que senhor Darcy pretendia unir sua fortuna com a de sua prima, a filha de Catherine de Bourgh. Lembrei-me da pobre senhorita Bingley e sua paixão por Darcy. Suas amabilidades seriam inúteis caso ele já estivesse destinado à senhorita de Bourgh.

– Imagino que senhor Collins esteja cego em relação à sua protetora, pois é a mais arrogante entre todas as nobres. – disse senhor Wickhan.

Nossa conversa se estendeu durante o jantar com mútuas satisfações. Senhor Wickhan também aproveitou a ceia para dar sua cota de atenção às minhas irmãs e tios, agradando a todos. Durante a volta, dentro da carruagem, não consegui parar de pensar no senhor Wickhan, apesar do falatório de Lydia, empolgada com as fichas que ganhara durante o jogo, e senhor Collins declarando que não se importava em ter perdido dinheiro, pedindo desculpas por sua intromissão no assento estreito da diligência, se dividindo em elogios aos Phillips e Lady Catherine de Bourgh. Nosso primo estava longe de findar com seus assuntos entediantes quando, finalmente, a carruagem parou diante de nossa casa.

No dia seguinte, relatei à Jane tudo o que ouvira do senhor Wickhan e percebi o espanto com o qual minha irmã recebeu tal informação. Nossa conversa foi interrompida pela chegada de senhor Bingley e suas duas irmãs. Vieram pessoalmente convidar-nos para o tão esperado baile em Netherfield. Minha mãe recebeu o convite com bastante euforia, considerando o baile uma espécie de homenagem à sua filha mais velha. As senhoritas Bingley demonstraram muito carinho por Jane e mal prestaram atenção no resto da família.

Os dias de chuva que sucederam a visita dos Bingley se tornaram tormentosos para toda a família de Longbourn, principalmente para Lydia e Katherine, que ficaram impossibilitadas de ir a Meryton colher informações sobre os oficiais. Minha única infelicidade estava associada ao fato de não poder me ater com o tenente recém chegado de Londres. Tencionava, porém, aproveitar a oportunidade do baile em Netherfield para dançar muitas vezes com ele e bastava este pensamento para ficar feliz. De fato, naqueles dias de chuva, a única distração de minha família se limitava às expectativas que tínhamos em relação a este grande evento na residência dos Bingley. Até Mary, a mais introspectiva de todas, estava desejosa pela festa:

– Não acho que seja um sacrifício dedicar-me, de vez em quando, a uma noite de divertimentos sociais, contanto que eu possa ter a manhã livre para estudar...

Embora eu não conversasse com senhor Collins, exceto quando me sentia obrigada, indaguei por curiosidade se ele tinha a intenção de comparecer ao baile, certo de que sua resposta seria negativa.

– ... afinal – continuei, – acredito que o senhor, como reitor de uma paróquia, não possa tomar parte deste tipo de divertimento mundano.

Mas, para minha surpresa, fiquei sabendo que meu primo não só estava ansioso para comparecer à festa, como desejava dançar comigo:

– Solicito sua mão, senhorita Bennet, para as duas primeiras danças. Espero que minha prima Jane atribua este convite a uma causa justa e não interprete minha preferência como desrespeito a sua pessoa.

Fiquei desconsolada. Tinha agora que trocar senhor Wickhan pelo senhor Collins durante as duas primeiras danças e isso me parecia demasiadamente inoportuno. Não havia remédio: teria que adiar minha felicidade. Aceitei a proposta do senhor Collins com toda amabilidade que pude dispor, pois sabia que minha recusa não seria bem vista por minha mãe.

Finalmente o dia do baile chegou e Netherfield estava lotada de jovens militares. Desde o primeiro momento, porém, percebi a falta de meu preferido, o senhor Wickhan. Um pensamento horrível tomou conta de mim. Será que o tenente fora retirado da lista de convidados de propósito, por conta de sua inimizade com senhor Darcy? Senhor Denny tratou de me informar a verdade dos fatos:

– Senhor Wickhan foi a Londres resolver assuntos importantes, mas acredito que meu amigo não se afastaria daqui nesse momento se não desejasse evitar a presença de um certo cavalheiro...

Resolvi naquele momento não entrar em nenhuma espécie de conversação com senhor Darcy, a quem acusava, indiretamente, ser o responsável por tamanho descontentamento. Meu mau humor só acabou quando, na presença de minha amiga, senhorita Lucas, abordei as esquisitices de meu primo, senhor Collins. Este não esqueceu sua solicitação e veio me chamar para as duas primeiras danças da noite. Nunca senti tanta vergonha na minha vida, ao ser conduzida por um cavalheiro

despreparado, solene e desajeitado. Meu primo, entre pisadelas e pedidos de desculpas, parecia não prestar a devida atenção na dança e errou os passos inúmeras vezes. Após aquele martírio, me reuni à Charlotte mas, para minha surpresa, fui abordada por senhor Darcy que, amavelmente, solicitou minha companhia por duas danças. Hesitante, mas com o desejo de me ver livre do senhor Collins, acabei aceitando a solicitação.

– Você gostará dele. – disse Charlotte.

– Não me deseje esse mal. – respondi, ainda atônita com a minha falta de personalidade.

– Cuidado, não deixe que seus sentimentos pelo senhor Wickhan a torne uma moça desagradável aos olhos de um cavalheiro dez vezes mais importante.

Preferi não responder a minha amiga e me coloquei na fila de espera, aos olhares surpresos de minhas vizinhas. A fim de castigar senhor Darcy, obriguei-o a conversar comigo durante a dança:

– Quando o senhor nos encontrou em Meryton, tínhamos acabado de fazer uma nova amizade.

Vi a expressão de meu parceiro mudar.

– Senhor Wickhan é um cavalheiro agradável e gosta de fazer amizades. – disse senhor Darcy. – Sei, porém, que não é capaz de reter estas amizades com a mesma facilidade.

– Sim, eu soube que ele teve a infelicidade de perder a sua amizade, fato que o fará sofrer por toda a vida.

Senhor Darcy nada respondeu. Aproveitei a oportunidade para criticar meu parceiro de dança:

– Às vezes é bom falar um pouco, não acha? Já tentamos dois ou três assuntos sem êxito. Não sei do que podemos falar agora.

– Sobre os livros talvez.

– Não temos os mesmos gostos.

– Dessa forma, não nos faltará assunto. Poderemos comparar nossas opiniões.

– Não consigo pensar em livros agora. Minha cabeça está voltada para outros assuntos.

– A senhorita sempre se preocupa com o que está em torno de si...

– Sim, é verdade, a ponto de querer me informar sobre o seu caráter. Quero compreendê-lo. Ouço tantas informações contraditórias sobre você que às vezes não sei o que pensar.

– Não gostaria que a senhorita desenhasse meu caráter neste momento, pois sei que o

resultado poderia não ser lisonjeiro.

– Mas se eu não o fizer agora, pode ser que eu nunca mais encontre essa oportunidade novamente.

Senhor Darcy respondeu secamente e passamos para a segunda dança sem travar nenhum tipo de diálogo. Quando terminamos, eu estava com o humor alterado, principalmente por sentir que o meu parceiro nutria sentimentos tão fortes por mim que, aparentemente, perdoara minha arrogância.

Após a fatídica dança com senhor Darcy, encontrei-me com Jane, que me disse em segredo:

– Senhor Bingley sabe pouco do caso de Wickhan, mas acredita totalmente na honra de seu melhor amigo e está convencido de que o tenente não é um homem de respeito.

De repente, senhor Collins apareceu com uma grande novidade:

– Descobri que há um cavalheiro neste salão que é parente próximo de Lady Catherine. Preciso cumprimentá-lo.

Tentei persuadir meu primo a não tomar tal liberdade, pois as regras de etiqueta não permitiam que um homem abordasse um cavalheiro em situação superior sem ser apresentado. Senhor Collins não prestou atenção em meus conselhos e foi recebido com grande antipatia e desprezo pelo senhor Darcy. Fiquei envergonhada de ver meu primo humilhado daquela maneira. Para sua sorte, fomos todos chamados à ceia. Tive o azar de ficar ao lado de minha mãe que, próxima à senhorita Lucas, falava sobre o possível casamento de sua filha mais velha:

– Estou ainda mais feliz com as meninas mais novas, pois com um cunhado desse porte, poderão adquirir relações com rapazes ainda mais importantes.

Pedi para que minha mãe falasse mais baixo, pois todos pareciam olhar para nós, principalmente senhor Darcy, que se encontrava na minha frente.

– O que tem eu com este homem? – indagou minha mãe com tom de voz ainda mais elevado.

– Por favor mãe, não o insulte... Dessa forma a senhora não ficará em boa situação com senhor Bingley.

Senhor Darcy parecia prestar atenção a tudo que minha mãe dizia. Quando finalmente as conversas na mesa se tornaram mais aprazíveis, me mortifiquei ao ver que minha irmã Mary, depois de breve insistência, se dispôs a cantar. Tentei convencê-la, através de olhares, a abrir mão de tão generosa boa vontade, mas ela não me deu atenção e pôs-se a cantar com voz sofrida, durante longos cinco minutos. Eu me sentia torturada, a despeito de Jane que buscava direcionar a atenção de Bingley para as suas conversas paralelas. Minhas irmãs mais novas aproveitavam a situação para caçoar de Mary. Olhei para o meu pai e pedi através de olhares que ele acabasse com aquilo. Quando Mary terminou uma canção e respirou para iniciar uma outra, nosso

pai disse:

– Parabéns Mary! Sua voz nos deleitou. Agora deixe brilhar as vozes de outras jovens.

Mary ficou desapontada e envergonhada que saiu correndo do recinto. Fiquei descontente com a falta de cerimônia de meu pai. O silêncio tomou conta do ambiente até senhor Collins nos brindar com um discurso imensamente monótono sobre sua importância na paróquia de Hunsford. Se minha família tivesse combinado de se expor ao ridículo naquela noite, não o teria feito com tamanho êxito.

Após a ceia, a noite se tornou um fardo pesado para mim: senhor Collins ficou ao meu lado o tempo todo, afastando os cavalheiros que tencionavam me tirar para dançar. Para minha sorte, Charlotte veio em meu socorro e puxou conversa com meu primo a fim de libertar-me. Minha família foi a última a deixar Netherfield, graças a um arranjo de minha mãe que retardou a saída de nossa carruagem em quinze minutos. Era possível ver senhora Hurst cansada, repelindo as tentativas de conversa da senhora Bennet. Minhas irmãs bocejavam e reclamavam. Senhor Collins, em seus inexpressivos discursos, tentava em vão atrair a atenção das pessoas.

No dia seguinte, comentávamos sobre o baile em Netherfield, quando senhor Collins pediu em tom cerimonioso uma audiência em particular comigo.

– Claro, senhor Collins. – respondeu minha mãe se retirando da mesa com minhas irmãs. – Creio que Lizzy não fará nenhuma objeção a este respeito.

– Sim, faço. – respondi, envergonhada. – Não há nada que o senhor Collins não possa falar na frente de todos. Deixe-me ir com vocês.

– Não, Lizzy, que tolíce, fique onde está e converse com seu primo.

Minha vontade era fugir, mas resolvi enfrentar a situação. Eu sabia tudo que nosso visitante me diria naquela manhã e não errei meu prognóstico: senhor Collins utilizou-se de toda sua amabilidade para me convencer a casar-se com ele e citou seu posto em Hunsford e sua fortuna como argumentos. Aproveitou ainda para deixar clara a sua disposição de renunciar à herança de meu pai caso viesse a se casar comigo.

Tentei ser elegante em dizer não. Disse que me sentia honrada diante de tanta generosidade, mas que não tinha capacidade para fazê-lo feliz. Senhor Collins interpretou minha resposta como afetação e, ajoelhando-se, insistiu em sua proposta:

– Sei que muitas mulheres negam o primeiro pedido para que este jogo aumente a paixão de seu possível pretendente.

– Suas esperanças são louváveis – insisti, – mas te dou minha palavra de que não sou uma destas mulheres.

– Senhorita Bennet, pode ficar certa de que, diante da promessa de casamento, não ouvirá nenhuma proposta pouco generosa de minha boca.

– Caro senhor Collins, prefiro que acredite naquilo que eu te digo: minha recusa é séria! Desejo vê-lo feliz e muito rico. Aceite minha recusa e, sem nenhum escrúpulo, tome posse desta casa quando meu pai falecer.

Levantei-me para sair, quando senhor Collins insistiu na conversa:

– Talvez não saiba, mas minha mão não é indigna de sua aceitação. Seu porte é baixo, sua família tem pouco dinheiro e isso, apesar de sua beleza física, não te trará um bom casamento. Prefiro acreditar, sinceramente, que sua recusa não é séria e que deseja apenas aumentar meu amor e me perturbar com a incerteza.

Diante de tal vontade de se iludir, deixei meu primo ajoelhado no chão da cozinha. Minha mãe, indignada, correu para a biblioteca e implorou para seu marido:

– O senhor precisa convencer Lizzy a aceitar a proposta do senhor Collins. Ela deixou o homem ajoelhado no chão da cozinha! Faça alguma coisa.

Meu pai mandou chamar-me. Assim que entrei na biblioteca, perguntou:

– Soube que recusou uma proposta de casamento hoje. É verdade?

– Sim. – respondi.

– Sua mãe insiste que a senhorita deve aceitar esta proposta, não é, minha senhora?

– Sim – respondeu minha mãe, – ou nunca mais te olharei nos olhos.

– Está diante de uma decisão difícil, Lizzy. Ou recusa a proposta de casamento e ganha o desprezo de sua mãe, ou casa-se com o senhor Collins e ganha o meu.

Não pude deixar de sorrir diante da opinião sincera de meu pai; a despeito de minha mãe, cuja reação foi de total desapontamento:

– Mas o senhor disse que iria convencê-la de se casar.

– Senhora Bennet, peço-lhe dois favores: deixe-me usar meu próprio entendimento a respeito deste caso e deixe-me dispor tranquilamente de minha biblioteca.

Sentindo-se traída, minha mãe atacou-me:

– Não te olharei mais nos olhos, Lizzy... Quando seu pai morrer, ninguém a sustentará, estou avisando.

Apesar do mal-estar criado pelo episódio e pelo silêncio rancoroso de senhor Collins, a vida voltou ao normal em Longbourn. Minhas irmãs e eu fomos a Meryton em busca de informações sobre senhor Wickhan e ficamos felizes ao saber que o tenente acabara de voltar de sua expedição. O tenente aproveitou a ocasião para admitir que sua ausência no baile de Netherfield fora voluntário:

– Teria que me encontrar com senhor Darcy e não queria dar lugar a situações embaraçosas para mim e para todo mundo.

Aprovei sua atitude e discuti o caso até o fim da tarde. Senhor Wickhan acompanhou-

me até minha casa. A ida do senhor Wickham a Longbourn me proporcionou o prazer de apresentá-lo aos meus pais. Findada a visita, fui tomada de assalto por minha irmã Jane, com o rosto corado e uma carta nas mãos:

– Os Bingley partiram para Londres e não tencionam mais voltar ao Hertfordshire. Caroline Bingley me enviou esta missiva anunciando seu desejo de ver o irmão casado com a senhorita Darcy.

Fomos para o quarto, onde pude ler a carta com mais privacidade.

– Senhor Bingley não quer deixar o Hertfordshire. – eu disse, após minuciosa leitura.
– Isso é o que suas irmãs desejam. Aproveitaram uma viagem de negócios do milionário para convencê-lo a não voltar mais e, não sabendo da secreta aliança entre os Darcy e os De Bourgh, ingenuamente acham que este plano estreitará os laços da senhorita Bingley com senhor Darcy.

Jane preferia acreditar na inocência de suas amigas:

– Não faço a mesma leitura que você. Senhor Bingley é dono de si e tomou esta decisão por conta própria. Caroline Bingley reafirma sua amizade por mim através desta carta e quer apenas me informar os acontecimentos.

– Querida irmã, você deve acreditar em mim. Ninguém poderia duvidar da afeição do senhor Bingley ao vê-los juntos, e Caroline tampouco.

– Ela deixa claro na carta que o irmão gosta da ideia de se casar com a senhorita Darcy, irmã de seu melhor amigo.

– Não, ela apenas afirma que senhor Bingley admira a jovem e nisto não há nenhum mal. Se Caroline recebesse de Darcy a metade do afeto que você recebe do senhor Bingley, já estaria preparando seu enxoval de casamento. O fato é que não somos ricos o bastante para eles e Caroline, sabendo da paixão que senhor Bingley tem por você, quer aproveitar a viagem para persuadir o irmão a não voltar.

– Se pensássemos da mesma maneira, eu estaria muito mais tranquila. – suspirou Jane. – Prefiro acreditar que Caroline tenha se enganado.

– Sim, é uma feliz ideia – dei de ombros, – já que não quer se consolar com o que eu lhe digo... Não se preocupe, minha cara irmã, pois esta carta é sinal de que fez bem o seu dever.

– Mas, supondo que esteja certa, você acredita que eu possa ser feliz ao lado de um homem cujas irmãs e amigos desejam que ele se case com outra?

– Conhecendo bem você, acho que não hesitaria em casar-se, mesmo sabendo que a reprovação lhe seria muito dolorosa.

Jane, que não tinha inclinação para o desânimo, logo se apegou às esperanças de que senhor Bingley retornasse à Netherfield. Contamos para nossa mãe sobre a viagem dos Bingley, omitindo o resto das informações. Esta não se abateu com a ausência de nossos vizinhos, lembrando-nos que a família deveria, em breve, visitar-nos em

Longbourn, conforme o combinado:

– Apesar de tê-los convidado para uma reunião de família, não se incomodarão com um jantar de vários pratos. – disse, num misto de excitação e ansiedade.

No dia seguinte, fomos almoçar na residência dos Lucas. Para minha tranquilidade, assim como fizera nos encontros anteriores, Charlotte se ocupou com senhor Collins, deixando-o com melhor humor. Aproveitei a oportunidade para agradecer à minha amiga.

– Não tem do que agradecer, Lizzy. – respondeu. – Asseguro-lhe que minha satisfação em ser útil paga este pequeno sacrifício.

Não esperava, porém, que por trás desta amabilidade houvesse outros interesses. Charlotte, com vinte e sete anos, sem grandes ilusões a respeito dos homens e do casamento, com pequeno dote e falta de beleza física que a fizesse conquistar um bom matrimônio, desejava chamar a atenção do senhor Collins para si, a fim de evitar um recrudescimento de minhas intenções para com ele. O casamento com este homem, dotado de bom posto, fortuna e futuras heranças agradaria seus pais, colocaria sua irmã mais cedo em contato com a sociedade e preservaria seu irmão da humilhação de ter uma irmã solteirona.

Teoricamente, o plano da senhorita Lucas não teria êxito por conta do curto prazo de permanência de meu primo no Hertfordshire. Na prática, porém, ninguém conhecia o ímpeto de senhor Collins que, no último dia de sua estada em Longbourn, acordou mais cedo do que todos e, sorratamente, foi ao encontro de Charlotte no Lucas Lodge para propor-lhe em casamento. Ao encontrarem-se nos jardins da residência combinaram de modo satisfatório para ambos os detalhes do matrimônio. O consentimento dos pais de Charlotte foi solicitado no mesmo dia e concedido com muito bom grado. Senhora Lucas aproveitou a oportunidade para calcular o tempo de vida que restava a meu pai, feliz de saber que, um dia, sua filha mais velha seria a senhora de Longbourn.

Charlotte veio pessoalmente à minha casa para me contar de sua decisão. A suposta paixão de meu primo por Charlotte não me parecia estranha, mas não poderia imaginar que minha amiga o encorajasse nesse sentido. Por este motivo, ultrapassei os limites da discrição e indaguei surpresa:

– Noiva do senhor Collins?! Minha querida amiga, como isto é possível?

Charlotte já esperava por esta reação e respondeu calmamente:

– Não pode pensar que seu primo seja capaz de agradar uma mulher? E isto só porque não teve a felicidade de lhe agradar? Sei que pode parecer estranho aceitar a proposta de um homem que há pouco mais de três dias propôs casamento à minha melhor amiga, mas espero que entenda minha posição. Não sou uma mulher romântica e apenas desejo um lar confortável. Levando em consideração o bom posto do senhor Collins, imagino que serei feliz no casamento.

Apesar da agradável ideia de ter Charlotte como prima, frustrei-me em saber que

tínhamos pontos de vista tão diferentes em relação ao casamento. Para mim, era humilhante ver minha amiga se rebaixar a este ponto e sacrificar seus sentimentos em prol de meras vantagens mundanas.

Todos os eventos ocorridos tornaram-se verdadeiras fatalidades para a família Bennet. Para piorar ainda mais a situação, uma nova missiva de Caroline Bingley chegou à nossa casa para anunciar que senhor Bingley ficaria durante todo o inverno em Londres. Minha mãe não perdia a oportunidade de reclamar de sua falta de sorte e exigia de Jane uma condenação pública pelas atitudes de seu pretenso pretendente. Em relação ao noivado de sua jovem vizinha, indignava-se ao pensar nela como sua sucessora naquela propriedade e, ao vê-la falando reservadamente com senhor Collins, tinha certeza de que já planejava expulsá-la de Longbourn após a morte do marido. Senhor Bennet, por sua vez, buscava ter fé no futuro de sua família, apesar das insistentes reclamações de sua esposa:

– Não posso suportar a ideia de que os Lucas se apoderarão desta propriedade na ocasião de sua morte, meu marido.

– Ora, não se ocupe com tamanha tragédia. Rezaremos para que Deus leve a senhora antes de mim.

Minha irmã Jane procurava conter sua ansiedade, mas perdia suas esperanças em relação a um futuro casamento com o senhor Bingley:

– Gostaria que mamãe tivesse mais controle sobre suas palavras. Ela me causa muita dor toda vez que fala sobre senhor Bingley. Mas não me queixarei. Logo, ele será esquecido e poderemos voltar ao normal.

A partir daquele momento, combinamos que não mais pronunciaríamos o nome do senhor Bingley em nossas conversas. Jane sentia-se triste, o que chamou a atenção de nosso pai:

– Elizabeth – chamou-me, – Jane sofreu sua primeira frustração amorosa e, depois do casamento, não há evento que agrada mais uma mulher do que as decepções do amor. Vejo que é sua hora de passar pelo mesmo ritual. Existe número suficiente de oficiais em Meryton para desapontar as moças da região. Escolha Wickhan. Ele é simpático o bastante para dar-lhe um agradável fora.

Eu ri, como de costume, e respondi que qualquer homem menos interessante que Wickhan já seria o suficiente para mim.

– Se servir de consolo – continuou senhor Bennet, – lembre-se que você tem uma mãe carinhosa que saberia como ninguém tirar partido deste tipo de situação.

– Ai, papai... – disse, rindo.

A despeito de toda verdade, os momentos com o senhor Wickhan me permitiam pairar por toda a nuvem de problemas de Longbourn. Nós nos víamos frequentemente, o que me permitia crescer suas inegáveis qualidades.

Com a proximidade do Natal, minha mãe recebeu seu irmão e a cunhada em nossa casa. Meu tio, senhor Gardiner, era um homem bem apessoado, inteligente e gentil que, apesar de ser apenas advogado em Londres, impressionaria os moradores de Netherfield Park. Sua esposa era muito estimada por mim e Jane, com quem mantinha contatos frequentes através de cartas. Apesar de já saber das problemáticas que nos envolviam, senhora Gardiner se sentiu obrigada a ouvir todas as reclamações de minha mãe a respeito do assunto:

– Estive próxima de casar minhas duas filhas mais velhas, mas no final, nada aconteceu. Não culpo Jane, pois ela teria aceitado um pedido do senhor Bingley... mas Elizabeth foi insensata em negar um pedido formal do senhor Collins!

Em um momento a sós, minha tia conversou comigo sobre o assunto e se dispôs a acolher Jane em sua casa, em Londres por algum tempo, a fim de que esquecesse o ocorrido. Jane pretendia encontrar-se com Carolina Bingley na cidade e partiu com nossos tios.

Após receber um convite de Charlotte, para conhecer seu novo lar, parti rumo ao Hunsford em companhia de Sir William e sua segunda filha, Maria Lucas. Eu estava curiosa para conhecer a casa do senhor Collins e presenciar o cotidiano de sua nova esposa. As minhas amabilidades já estavam bastante gastas no trato de meus acompanhantes de viagem, quando finalmente chegamos a Londres, onde ficaríamos hospedados por um dia e uma noite na casa dos Gardiner. Fiquei feliz com a boa aparência de minha irmã, que logo me colocou a par das mais recentes informações:

– Visitei Caroline Bingley na Grosvenor Street e fui recebida com frieza. Quando a convidei para visitar-me na casa dos nossos tios, ouvi uma série de desculpas e empecilhos como resposta. Após muita insistência, senhorita Bingley concordou em visitar-me, mas não teve nenhum prazer em me ver. Quando partiu, eu me senti no direito de cortar relações com ela. Sinto, querida Lizzy, que você tinha razão sobre a senhorita Bingley! Mas não posso culpá-la totalmente, pois vejo que, se o senhor Bingley quisesse me ver, já o teria feito, pois, segundo a irmã, sabe que estou na cidade.

Ao ouvir aquelas palavras tristes, desejei sinceramente que o senhor de Netherfield se casasse com senhorita Darcy, pois segundo descrições do senhor Wickham sobre a jovem, ele se arrependeria amargamente de ter rejeitado a minha irmã.

No dia seguinte, partimos para a casa dos Collins, onde me delicieei com a visão dos jardins e de seus habitantes. A reitoria onde residiam era cercada e bem arborizada. O casal Collins nos aguardava no portão e nos recebeu com enorme alegria. Logo de princípio, percebi no maneirismo cerimonioso de meu primo que ele não mudara com o casamento: indagou-me sobre cada membro de minha família e, com grande pompa, nos saudou novamente ao entrarmos na casa. Ao mostrar-nos sua residência, elogiou cada detalhe da própria decoração e seus jardins, tirando toda a graça da caminhada. Eu estava preparada para este espetáculo de glória e percebia a necessidade de meu primo apresentar cada mobília a fim de fazer-me sentir arrependida por tê-lo recusado a mão. Enquanto conversávamos, a cada gafe que

senhor Collins cometia, eu olhava para Charlotte, a fim de observar sua reação, mas ela, sensatamente, olhava para os lados como se não tivesse escutado. Quando senhor Collins finalmente ocupou-se com o sogro, deixando as senhoras sozinhas, eu entendi que o prazer daquela casa advinha de sua ausência. Tudo estava arrumado com tamanha simplicidade e destreza que atribuí aquele trabalho à Charlotte. A contar pelo ar de conforto e tranquilidade que senti naquele momento, supus, diante da alegria de minha amiga, que, durante os momentos de ausência do marido, a figura do senhor Collins era frequentemente esquecida por ela.

Na hora do jantar, senhor Collins disse, com o tom cerimonioso de sempre:

– Vocês têm muita sorte, pois terão a honra de conhecer Lady Catherine de Bourgh em pessoa. Eu esperava o convite para um chá, ou até mesmo um breve passeio no Rosing, mas um convite para jantar, tão cedo e abrangendo todo o grupo, é algo realmente extraordinário!

– Seu convite não me surpreendeu. – disse senhor William. – Conheço bem o hábito dos nobres graças à minha situação na vida e sei que, na corte, esses eventos são frequentes.

No dia seguinte, fomos de carruagem para o Rosing. Senhor Collins enumerou cada detalhe da paisagem ao longo do caminho. Tudo parecia muito bonito para mim, mas não concordava com os êxtases de meu primo, que comentava os gastos homéricos que Sir Lewis de Bourgh tivera com aquele solar. Entramos no *hall* que dava acesso às escadarias da residência e fomos levados através da antecâmara até uma sala onde se encontravam os de Bourgh. Maria Lucas parecia empalidecer e seu pai não se mostrava menos tenso. Lady Catherine levantou-se e nos recebeu, ouvindo elogios e pedidos de desculpas do senhor Collins. Sua Senhoria era uma mulher alta e gorda, com traços que indicavam uma beleza perdida. Seu ar não era conciliador e seu modo de receber visitas não nos fazia esquecer de nossa inferioridade social. Tudo que falava era de modo autoritário, como se jamais fosse contestada. Já senhorita De Bourgh era magra, branca e apática. Parecia enferma. Ao conhecê-la, diverti-me ao imaginá-la casando-se com senhor Darcy.

Após alguns minutos de conversa, Lady Catherine nos convidou para cear. Para senhor Collins fora reservado o melhor lugar à mesa, na outra extremidade onde se encontrava nossa anfitriã. Senhorita Lucas sentou-se em um cantinho da cadeira e, trêmula, não abriu a boca durante todo o jantar. Senhorita de Bourgh comia muito pouco e trocava algumas palavras em segredo com sua governanta, senhora Jenkinson, sua principal confidente. Senhor Collins elogiava a tudo com exagerada alegria e seu sogro, sir William, repetia as palavras do genro como se fosse um eco. Lady Catherine parecia gostar de receber elogios, pois sorria de maneira graciosa, principalmente quando seus criados serviam-nos pratos desconhecidos.

Após o jantar, fomos levados para a sala e, até a hora do café, tivemos que ouvir as palestras de Lady Catherine sobre diversos assuntos de sua competência. De repente, uma carruagem estacionou na porta da residência. Senhor Darcy acabava de chegar de viagem com seu primo, um coronel do exército.

– Vocês conhecem meu sobrinho, senhor Darcy? – indagou Sua Senhoria.

– Já tivemos a honra de nos conhecer no Hertfordshire. – respondeu senhor Collins.

Ao me ver, Darcy não conseguiu disfarçar sua surpresa, e perguntou pela saúde de minha família.

– Estão todos bem. – respondi. – Minha irmã, inclusive, está em Londres.

– Ah, sim... – esquivou-se o rapaz. – não tive a sorte de encontrá-la.

A visita dos dois senhores ao Rosing serviu para conhecermos o caráter gentil e galante do primo do senhor Darcy. Todos ficamos encantados com seu modo de andar e falar. O coronel rapidamente conquistou minha amizade e pôs-se a conversar reservadamente comigo. Senhor Darcy não conseguiu disfarçar sua inquietação com o fato, o que chamou a atenção de sua tia.

– O que estão conversando, meus caros? – indagou Lady Catherine.

O rapaz, um tanto envergonhado com a falta de educação de sua tia, limitou-se a responder:

– Sobre música.

– Ora, então dividam o assunto com o resto do grupo! Não existe pessoa que goste tanto de música do que eu. Sua irmã Georgiana tem feito progressos no piano, senhor Darcy?

– Sim, muito. – respondeu o milionário, um tanto constrangido.

– Se Anne, minha filha, tivesse um pouco mais de saúde, seria uma ótima pianista. Eu disse para senhorita Bennet tomar aulas com um bom professor em Londres.

O primo do senhor Darcy indagou se eu me incomodaria em tocar um pouco. Levantei-me e ele puxou o banco do instrumento para eu me posicionar. Lady Catherine não escutou trinta segundos e voltou a conversar com seu sobrinho. Senhor Darcy, por sua vez, vendo a corte que seu primo me fazia, deixou a tia falando sozinho e, com andar firme, se dirigiu até mim.

– Quer me assustar com esse andar imponente, senhor Darcy? – perguntei-lhe com um meio sorriso. – Poderia ficar assustada com o fato de sua irmã tocar tão bem, mas minha coragem sempre me socorre nesses momentos.

– Não tenho a intenção de deixá-la alarmada. Conheço-a há bastante tempo para saber que gosta de exprimir opiniões que não são suas.

Virei para o outro cavalheiro e, sorrindo, lhe disse:

– Seu primo quer lhe dar uma bela ideia ao meu respeito, justamente nesse momento, onde eu tinha a esperança de deixar uma boa impressão.

– Ora, faça o mesmo com ele. – disse o coronel.

– Saiba que senhor Darcy foi incapaz de dançar no baile que seu amigo nos propiciou no Hertfordshire, apesar de haver várias moças sentadas por falta de par.

– Apenas tenho dificuldade de lidar com pessoas que não conheço. – deu de ombros senhor Darcy.

– Ora, um rapaz tão educado e inteligente não teria dificuldades em criar laços com qualquer pessoa naquela situação.

– Assumo que não tenho o talento que muitos possuem, assim como a senhorita, que assume não tocar tão bem quanto outras mulheres. Apesar de eu achar que nada lhe falte neste sentido.

Lady Catherine mais uma vez interrompeu a conversa para indagar sobre o assunto que travávamos. Seu sobrinho mais moço me pediu para tocar outra canção e eu fiz sua vontade. Sua Senhoria escutou-me por dez segundos e continuou sua conversa, tecendo elogios à própria filha. Olhei para senhor Darcy para ver como ele acolhia os elogios à sua prima e não detectei em seus olhos qualquer sintoma de amor.

– Com que pressa saíram do Hertfordshire após a partida do senhor Bingley. – eu disse para Darcy. – Espero que seu amigo esteja com boa saúde.

– Sim, perfeitamente.

Eu sabia que o cavalheiro não diria nenhuma palavra sobre o assunto, mas insisti em minhas perguntas:

– Ouvi dizer que senhor Bingley não tem a intenção de voltar a Netherfield.

– Nunca ouvi meu amigo dizer isso, mas Bingley é moço e tem um círculo de amigos e agenda de compromissos que o impedem de deixar a cidade grande.

Não quis continuar o assunto, pois temia que ele notasse minhas intenções. Fazia pouco tempo que eu recebera uma carta de Jane, cujo texto apontava sintomas de depressão. Eu temia que minhas desconfianças em relação à influência do senhor Darcy naquele caso não fossem meras conjecturas.

No dia seguinte, passeando pelo parque, tive a surpresa de encontrar o coronel Darcy, primo do milionário, e com ele travei alguns diálogos. Estava encantada com seu modo cordial e sua galanteria, algo que me remetia à imagem do senhor Wickham. Ao falar-me de sua fidelidade em relação ao primo mais velho, indaguei-lhe:

– O que pode o filho mais moço de um nobre saber sobre o sacrifício da fidelidade? Quando foi impedido, por falta de dinheiro, de se locomover ou fazer as coisas que desejava?

– Essa é uma pergunta muito particular, mas adianto que sofro muito com este tipo de experiência. Um filho mais novo não pode ter o casamento que deseja.

– Sim, aposto que precisa se apaixonar por mulheres ricas, o que deve acontecer constantemente.

– O hábito de gastar dinheiro nos torna dependentes e, por isso, não podemos nos casar sem considerar a questão financeira da moça.

Percebi que o assunto me dizia respeito e enrubesci. Para não alarmá-lo, continuei a conversa alegremente:

– O senhor não poderia exigir mais do que cinquenta mil libras de uma mulher, a não ser que fosse doente.

Ele me respondeu no mesmo tom de alegria e depois calou-se. Para não deixar o assunto morrer, indaguei:

– Por que senhor Darcy não traz consigo a irmã para lhe servir? A não ser que a senhorita Darcy dê muito trabalho, pois as moças nessa idade, às vezes, são difíceis de governar...

A contar com o olhar surpreso de meu amigo, notei que acertara em cheio em minha descrição.

– Não se assuste. – eu disse para acalmá-lo. – Não ouvi nada de ruim sobre sua prima, muito pelo contrário. Minha amiga, senhorita Bingley, fala muito bem da moça. O senhor a conhece?

– Sim, ela é irmã de um grande amigo do senhor Darcy.

– Ah, sim. Senhor Darcy possui um cuidado de irmão com senhor Bingley.

– Não é à toa, pois, pelo que eu sei, meu primo aconselhou-o a não contrair matrimônio com uma moça de uma classe social inferior.

– Como assim?

– Tenho medo de me alongar nesse assunto e minhas palavras chegar ao conhecimento da família da jovem...

– Esteja certo de que não falarei nada a este respeito.

– Este casamento parecia ser um dos mais imprudentes e senhor Darcy convencera o amigo a não levá-lo adiante. Havia objeções muito fortes contra a moça...

– E quando essa aventura aconteceu?

– No último verão, quando estiveram juntos.

– Como pôde interferir em uma relação do amigo? – disse, sôfrega. – Não acho que sua atitude tenha sido correta. Mas – respirei fundo, – como não conhecemos a situação, não podemos julgá-lo. Está óbvio que, neste caso, não havia grande afetividade por parte do senhor Bingley.

– Ah, sim, decerto.

Aquelas palavras ressoaram em minha cabeça pelo resto do dia. Incomodada com aquela nova evidência, tranquei-me no quarto e pus-me a chorar interruptamente,

pensando na maldade que aquele senhor Darcy tinha traçado contra a mais doce de todas as mulheres. Temendo encontrar o algoz de minha irmã no Rosing, decidi não acompanhar minhas primas no chá promovido por Lady Catherine. Horas depois da saída do grupo, ouvi o som da campainha. Corri para a sala e deparei-me com senhor Darcy um tanto inquieto. Caminhou pela sala de um lado para o outro como se escolhesse as palavras e, de repente, estourou:

– Eu não posso mais reprimir meus sentimentos. Há muito estou lutando contra mim mesmo, mas agora não consigo mais. Preciso te dizer que eu a admiro e amo ardentemente.

Meu espanto não teve limites. Fiquei ruborizada e em choque. Senhor Darcy interpretou minha reação de modo positivo e pôs-se a falar sobre o assunto, de sua luta para esquecer o amor que possuía por mim, principalmente por conta de sua posição social.

A afeição que eu poderia sentir por tão eloquente demonstração de amor era imensamente superada pelo desprezo que eu tinha por aquele homem. Uma cólera imensa tomou conta de mim, mas tentei me acalmar:

– Em caso como este é comum que a mulher demonstre gratidão pelos sentimentos confessados pelo homem, mesmo que não os retribua. Mas não tenho e nunca tive boa opinião sobre o senhor.

Senhor Darcy, que até aquele momento falara de seu amor com segurança, agora experimentava o sabor da decepção. Ensaiou um discurso de ressentimento:

– Poderia ao menos me informar o porquê dessa rejeição, sem a menor cortesia de sua parte?

– Eu é que devo perguntar-lhe o ensejo de insultar-me. O senhor acha que eu aceitaria um homem que arruinou a felicidade de minha irmã?

Senhor Darcy mudou de cor, mas tentou conter o nervosismo. Continuei meu discurso:

– O senhor não pode negar que foi o principal meio de separação daquelas duas pessoas, expondo-as à censura e ao ridículo do mundo, por mero capricho e decepção de suas esperanças, causando-lhes um grande mal.

O milionário olhou para mim e com um sorriso afetado, disse-me, incrédulo:

– Não desejo negar que fiz tudo para separar meu amigo de sua irmã. Alegro-me de meu êxito, pois fui mais previdente com ele do que comigo mesmo.

– Mas minha antipatia não se baseia apenas nessa história, senhor Darcy. Os relatos feitos pelo senhor Wickham já haviam me revelado seu caráter. Como poderia o senhor justificar essa falta?

– A senhorita parece possuir grande interesse pelas mágoas deste cavalheiro.

– Qualquer pessoa que conhecesse seu infortúnio não poderia deixar de fazê-lo. O senhor foi o culpado por sua comparativa pobreza, pois privou-o dos seus direitos legítimos.

– Então essa é a opinião que tem de mim? – indagou com tom grave. – Imagino que pensaria diferente caso eu fosse mais hábil e tivesse ocultado meus conflitos em relação à sua classe social.

– A sua atitude pouco cavalheiresca apenas me poupou o desgosto de recusar um pedido gentil. Eu o teria recusado de qualquer forma, pois desde o primeiro dia percebi que era um homem arrogante e indiferente aos sentimentos dos outros.

– Não precisa dizer mais nada, senhorita Eliza- beth. Compreendo seus sentimentos e nada mais me resta senão me envergonhar dos meus. Desculpe-me por ter tomado seu tempo e aceite meus votos de felicidade.

E saiu apressado da sala, em direção à rua. Quando ouvi o som de sua diligência partindo, sentei-me em uma cadeira e chorei copiosamente por trinta minutos. Apesar das mesmas objeções que impedira senhor Bingley a casar-se com Jane, senhor Darcy parecia disposto a desposar-me, o que demonstrava um amor verdadeiro. Esses pensamentos me envolviam e me faziam chorar ainda mais. Essas reflexões cessaram quando ouvi a chegada da carruagem de Lady Catherine. A fim de evitar a atenção perspicaz de Charlotte, corri para o meu quarto e lá permaneci por toda noite.

No dia seguinte, saí do Kent com a intenção de fazer um exercício matinal. Fui ao parque e, ao me aproximar das alamedas, não pude deixar de notar que a estação se transformara, deixando as árvores ainda mais verdes. Foi seduzida por essa visão que adentrei os portões do parque, mesmo sabendo que senhor Darcy também costumava passear por ali naquela hora do dia. Logo identifiquei seu primo, que chamou-me, entregou-me uma missiva e disse:

– Estava passeando por aqui com a esperança de encontrar a senhorita. Por favor, receba esta carta e dê ao meu primo a honra de lê-la.

Eu não disse nada, apenas vi o coronel partir. Sem esperança de prazer, mas com imensa curiosidade, abri a carta e pus-me a ler avidamente. Senhor Darcy divulgava suas intenções em não me aborrecer com aquela missiva, mas esclarecer-me de sua versão dos fatos citados por mim no dia anterior. Em relação aos sentimentos de minha irmã, lembrou-me que conhecera Jane há pouco tempo e, motivado pela falta de provas de sua verdadeira afeição por senhor Bingley, algo que ela não deixara transparecer de modo claro, convencera o amigo a não desposá-la.

Em relação ao protegido de seu pai, o tenente Wickhan, senhor Darcy elucidou-me que desde cedo conhecera o gênio libertino do rapaz, o que não o impediu de ajudá-lo em sua formação e estudos. Após o falecimento do reitor da paróquia do Derbyshire, recebera uma carta de Wickhan informando que não queria receber as ordens a que estava destinado pelo testamento do antigo senhor daquelas terras e solicitou uma compensação em dinheiro pelo posto que não poderia assumir.

“... não lhe neguei a soma de três mil libras em troca do encerramento de nossos contratos, o que foi aceito por ele. Apesar de não tê-lo como amigo, soube que teve uma vida de dissipação, o que o levou à falência. Quando a reitoria ficou novamente vaga, o rapaz solicitou-me sua apresentação para o lugar e não recebeu uma resposta positiva, o que lhe incitou o ódio e o desejo de vingança. Como sabe, no verão passado tive o desgosto de revê-lo e, com a proximidade, senhor Wickhan soube que minha irmã Georgiana Darcy estava a caminho de Ramsgate na companhia de uma senhora ocupada de sua educação. Senhor Wickhan, sem dúvidas de propósito, partiu para o mesmo lugar e, fazendo uso de um prévio acordo com a governanta, seduziu minha irmã de quinze anos com o propósito de raptá-la a fim de tomar posse de sua fortuna pessoal, calculada em trinta mil libras. Foi por conta da sorte que cheguei àquele lugar antes que o mal se concretizasse”.

Foi com imensa confusão de sentimentos e emoções que li e reli a carta com afinco, tentando tirar informações em cada frase, em cada afirmação. Em relação à Jane, lembrei-me do comentário feito por Charlotte sobre sua conduta diante da família Bingley. Jane, segundo minha amiga, demonstrava placidez diante dos fatos, o que a impedia de exteriorizar o fervor de seus sentimentos. Esse poderia ser o motivo da

incredulidade do senhor Darcy em relação aos sentimentos de minha irmã. Ao ler a parte que citava Wickham, recordei-me dos fatos e, apesar da dor que eu sentia por duvidar de seu caráter, refleti bastante sobre sua conduta. Era um desconhecido para mim, até ser apresentado no meio da rua em Meryton. Apesar de sua conduta cavalheiresca, não se poupou de contar a uma estranha sobre sua vida íntima e seus desafetos. Ao mencionar seus desgostos em relação ao senhor Darcy jurou que não compartilharia o caso com mais ninguém, o que de fato não ocorreu, já que o caso tornou-se famoso após a saída do senhor Darcy do Hertfordshire. Lembrei-me também de sua declaração de que não teria medo de enfrentar seu desafeto, mas faltou à festa em Netherfield, mesmo não sendo cortado da lista de convidados. Aquelas reflexões, aos poucos, me levaram a um estado de consternação.

Sentia-me extremamente envergonhada por ter sido cega, parcial, injusta e absurda:

– Logo eu – dizia sem cessar. – que me orgulhava tanto do meu discernimento! Como é humilhante esta descoberta. Eu não poderia ter sido tão cega se não tivesse apaixonada. Deixei-me influenciar pelo amor, mas foi a vaidade que me levou à loucura!

Até aquele momento eu não conhecia a minha verdadeira natureza. Após duas horas de caminhadas sem rumo no parque, me dirigi ao Kent, onde fiz um grande esforço para parecer alegre e não levantar suspeitas. Charlotte me informou que os Darcy vieram me procurar para se despedir e eu recebi a notícia com falsa decepção.

No dia da minha despedida do Kent, senhor Collins me fez todos os tipos de agradecimentos e pediu para que eu fizesse bons comentários a respeito de sua casa. Enumerou as qualidades de sua própria residência e finalizou o seu discurso abordando as belezas de seu casamento com Charlotte.

– Desejo que a senhorita tenha felicidade no casamento igual a minha esposa, minha cara Elizabeth.

Agradei com as frases habituais e elogiei minha breve estada no Kent. Ao entrar na diligência, Maria suspirou:

– Desde que chegamos à Hunsford fomos onze vezes ao Rosing. Nove vezes para jantar e duas para tomar chá. Quantas novidades terei para contar!

“E quantas terei para esconder”, pensei. A volta para o Hertfordshire foi longa, pois paramos em Londres para pegar minha irmã mais velha. Assim que chegamos próximo à nossa cidade, nos encontramos com Lydia e Kitty em uma hospedaria. Lydia se congratulava por ter comprado um chapéu horrível:

– De todos os que estavam à disposição na loja, esse era o menos feio. Achei melhor comprar do que não comprar.

As duas estavam impossíveis: vieram no caminho para Longbourn contando as novidades de Maryton e várias anedotas. Não via a hora de sentar com Jane e lhe contar, com calma, tudo o que se passara entre mim e Darcy no Hunsford.

– Queremos convencer nossos pais a ir para o Brighton. – disse Lydia. – É onde os oficiais residirão durante o verão. Imagina a chatice que será Meryton após a partida do regimento!

Quando chegamos, Jane foi recebida por minha mãe com um beijo na testa e meu pai, como sempre, me disse, reservadamente:

– Que bom que está em casa, minha filha.

Mary, sempre com os olhos grudados nas páginas de um livro, tentava convencer as irmãs mais novas de que qualquer prazer que elas tivessem passado naquela tarde não a contentaria tanto quanto uma boa leitura. Lydia sempre ignorava o que a irmã intelectual falava, pois não conseguia prestar atenção em nada por mais de um minuto e meio. Mal chegaram em casa e saíram em direção ao Meryton para instigar ainda mais a sanha daqueles que, à boca pequena, comentavam as frequentes visitas das Bennet ao reduto dos oficiais. Jane e eu ficamos sozinhas e, dessa forma, me predispus a lhe contar as novidades, omitindo o estratagema de Darcy para separá-la de Bingley. Jane recebeu minhas palavras com impacto e, apesar de tentar pensar na honestidade do senhor Wickhan, ficou claro para ela que Darcy falava a verdade.

– Pobre Wickhan – disse minha irmã, – seu rosto exprime tanta bondade, enquanto Darcy, apesar da honestidade, é tão rude.

– Senhor Darcy me pediu para guardar segredo pois o nome de sua irmã está em jogo. Atualmente, todos no Hertfordshire possuem péssimas impressões do Senhor Darcy, que eu não conseguiria colocá-lo em melhor situação sem mencionar a tentativa de sequestro.

– E se ficarmos caladas, talvez senhor Wickhan tenha a chance de se recuperar sem cair em uma desgraça total. Ele já está de mudança e logo partirá do Hertfordshire. Deixemos que vá em paz.

Com a partida dos oficiais de Meryton marcada para menos de uma semana, Longbourn caiu em uma enorme depressão por conta das duas mais novas irmãs Bennet. Minha mãe parecia sentir as provações da filha e lembrou-se da mesma tristeza que sentira vinte e cinco anos atrás:

– Quando o regimento do coronel Miller foi embora, chorei por dois dias seguidos.

Apenas Jane e eu parecíamos levar uma vida normal e, a despeito da diversão que aquela tristeza toda me trazia, um fato preocupou-me excessivamente: eu teria que rever senhor Wickhan uma última vez no baile em homenagem aos soldados. Não estava disposta a enfrentá-lo com bom humor, e bastava uma pequena lembrança de seus falsos galanteios para ter vontade de perdoar senhor Darcy da traição que cometera à minha irmã. De repente, uma fuzarca tomou conta de nossa propriedade. Lydia, em êxtase, corria por toda a casa e nos exigia os parabéns, rindo e falando com muita violência. Soubemos que ela recebera um convite de sua amiga, a senhora Forster, mulher do coronel Forster, para ir a Brighton em sua companhia. Eu não via a relação das duas com bons olhos, pois achava a senhora Forster muito nova e

irresponsável para levar Lydia para tal cidade. A consternação de Kitty era singular: chorava e perguntava o motivo de também não ter sido convidada. Os conselhos de sua irmã mais velha para que tivesse mais sensatez e resignação de nada valeram, pois a atitude de nossa mãe, tão alegre quanto Lydia, incentivava-lhe a inveja e o rancor.

Por conta da impropriedade da conduta de Lydia e das poucas vantagens que as intimidades com uma mulher um pouco mais velha como a senhora Forster poderiam lhe oferecer, aconselhei secretamente que meu pai embargasse tal viagem:

– Lydia se torna cada vez mais imprudente e agora partirá para um lugar onde as tentações são muito grandes. Ela não se cansará até cometer um erro grave que exponha todo o nome de sua família ao ridículo.

Meu pai me ouviu, mas preferiu acreditar que a viagem não traria maiores danos à personalidade já tão errática de sua filha.

– Onde quer que você e Jane sejam conhecidas, serão tratadas com respeito e simpatia. Acredito que possam ser ainda mais admiradas por terem duas, ou melhor, três irmãs tolas. Não teremos sossego durante todo o verão se Lydia não embarcar para Brighton e, por esse motivo, a deixarei partir.

Fui obrigada a me contentar com a resposta de meu pai, mas minha opinião se manteve inalterada. A despeito de todo o caos ocasionado pela alegria de Lydia e tristeza de Kitty, era chegado o dia do baile de despedida dos soldados de Meryton e, ao primeiro contato com senhor Wickhan, percebi que seu cavalheirismo e maneirismos continuavam os mesmos, mas estavam longe de me causar os mesmos sintomas que das primeiras vezes. Irritada por me sentir objeto de tão fúteis galanteios, disse-lhe com um meio sorriso nos lábios:

– Ah, os momentos no Rosing foram muito prazerosos. Senhor Darcy apresentou-me seu primo, o coronel...

– Ah, sim, conheci em certa ocasião. – disse com certo aborrecimento na voz. – A senhorita gostou de sua companhia?

– Muito!

Com certo grau de antipatia, senhor Wickhan continuou seu interrogatório:

– Suas maneiras são bem diferentes do que as do primo, não acha?

– Sim, mas estou certa de que senhor Darcy se torna um homem melhor quando o conhecemos intimamente.

– A senhora acha que ele melhorou sua maneira de falar e acrescentou um pouco mais de cortesia ao seu estilo habitual? Pois, sinceramente, acho que nas coisas essenciais ele continua o mesmo.

– Efetivamente, senhor Wickhan, acredito que nas coisas essenciais ele continua exatamente igual.

Devido ao meu jeito de falar, senhor Wickhan não sabia se alegrava-se com minhas palavras ou desconfiava do sentido das mesmas. Com um sorriso sarcástico, acrescentei:

– Conhecendo senhor Darcy um pouco melhor, o seu caráter se torna um pouco mais compreensível, não acha?

Senhor Wickhan ficou ruborizado e com grande cortesia separou-se de mim, possivelmente com o desejo de nunca mais encontrar-me novamente. O fim da festa estava próximo e Kitty chorava de ódio ao ver sua irmã caçula partir para o tão cobiçado Brighton. Nossa mãe desejava felicidades a Lydia e essa demonstrava em suas atitudes que seguiria à risca tal conselho. Em meio a tão ruidosas despedidas, os adeuses de suas irmãs mais velhas foram quase imperceptíveis.

Apesar de Kitty aparentar maior sensatez com a partida dos soldados, o evento trouxe tédio a Longbourn, pois os encontros sociais se tornaram cada vez mais escassos e as sucessivas cenas de mal humor protagonizadas por minha mãe, por conta do ócio, não colaboravam para um ambiente agradável. Meu pai se tornava cada vez mais recluso em sua biblioteca e eu, aliviada com a partida do senhor Wickhan, passei a maior parte do tempo pensando na viagem que faria em companhia de meus tios à Região dos Lagos. Para minha tristeza, os Gardiner tinham que voltar para Londres em um mês, o que nos permitia ir apenas até o Derbyshire. Era impossível ouvir essa palavra e não lembrar de Pemberley e seu proprietário. “Mas certamente”, pensei, “poderei entrar na cidade sem encontrar-me com ele”.

Um dia antes de nossa partida, os Gardiner chegaram com seus quatro filhos. As duas meninas e os dois meninos ficariam aos cuidados de Jane, cujos doçura e bom senso destinavam-na a este tipo de missão. Passamos por diversos locais: Oxford, Blenheim, Warwick, Kenilworth e Birmingham, até chegarmos ao Derbyshire, quando a senhora Gardiner pôde visitar a pequena cidade de Lambton, onde residira. Ali ficamos sabendo que a residência de Pemberley ficava a menos de cinco milhas, o que motivou no casal o desejo de conhecê-la. Meu rosto ruborizou no mesmo momento. Não tinha a menor intenção de encontrar-me com senhor Darcy e, apesar da curiosidade de conhecer sua residência, recusei a oferta:

– Estou cansada de ver grandes casas. Depois de percorrer tantas, não encontro prazer em tapetes e cortinas de cetim.

Senhora Gardiner zombou da minha ingenuidade:

– Se Pemberley fosse apenas uma casa mobiliada, eu tampouco faria questão de visitá-la. Fique sabendo que seu parque é lindo e os bosques são considerados os mais belos do país.

Eu fiquei embaraçada com a situação e nada respondi. Partimos em direção a Pemberley e, ao nos aproximar da residência, não consegui segurar a emoção. O parque era muito grande e tinha os mais variados aspectos. Após muito caminhar, entre lugares pitorescos, seguimos um caminho que nos levou ao pico de um morro, de onde podíamos avistar, ao longe, a casa de Pemberley na encosta de uma colina,

onde um riacho represado formava um lago. Fiquei encantada com aquele lugar. Todos manifestavam suas admirações e naquele momento senti que ser proprietária daquela residência significava alguma coisa.

Meus tios pediram para ver a casa e tiveram seu pedido atendido. A senhora Reynolds, velha caseira da residência, de aparência respeitosa e mais amável do que poderíamos supor, se dispôs a nos mostrar cada cômodo e nos levou à sala de jantar. “Eu poderia ser dona deste lugar”, eu pensava. “Ao invés de visitar a residência com meus tios, poderia estar recebendo-os como visitantes”. Apesar do lapso, lembrei-me logo de minha antipatia pelo senhor daquelas terras e da infelicidade que minha tia teria se me visse casada com o algoz de minha irmã. Aquela lembrança era oportuna, pois evitava que eu me arrependesse de minha decisão.

– Senhor Darcy, dono desta residência, está ausente. – disse senhora Reynolds. – Mas nós o esperamos amanhã com um grupo de amigos.

Fiquei aliviada de não ter visitado a residência no dia seguinte. Minha tia chamou a minha atenção para uma parede com retratos em cima da lareira. Ao lado do retrato do senhor Darcy, ainda jovem, estava o retrato do senhor Wickhan.

– Acha bonito este quadro, Lizzy? – sorriu senhora Gardiner.

A caseira logo nos informou que tratava-se da foto do filho do antigo intendente da residência:

– Senhor Wickhan é o seu nome. Agora entrou para o exército. Parece que não deu boa coisa.

Minha tia me olhou com ironia, mas eu não lhe ofereci nenhuma retaliação.

– E este – continuou a caseira, – é meu patrão atual, senhor Darcy. Estes retratos têm oito anos e estão arrumados do mesmo jeito que deixou o falecido dono destas terras.

Estava explicada a permanência do retrato do senhor Wickhan naquele local. Senhora Reynolds nos indagou:

– Não acham os dois parecidos, quando jovens?

Minha tia não se conteve e disse:

– Lizzy poderá dizê-lo, afinal conhece seu patrão pessoalmente.

A caseira me olhou com grande interesse:

– A senhorita conhece senhor Darcy?

– Sim, um pouco. – me limitei a responder.

– Não o acha uma bela figura?

– Certamente que sim.

– Se meu patrão se casasse – disse senhora Reynolds, – eu o veria em Pemberley

com mais frequência, mas acho difícil que ele encontre uma mulher a sua altura.

Todos sorrimos com aquele exagero.

– É um belo elogio. – eu disse.

– Não digo mais do que a verdade e todos que o conhecem dirão o mesmo. Conheço este anjo desde os quatro anos!

“Será que ela está falando do mesmo senhor Darcy?”, pensei.

– O pai dele era um homem extraordinário – continuou a empregada – e o filho é igualmente afável com os pobres.

“Ela o coloca sob uma luz muito favorável”, pensei. Minha tia deve ter pensado o mesmo, pois nos disse, à parte:

– Essas informações não combinam com o que o senhor Wickham diz.

Não pude deixar de responder no mesmo tom de voz:

– É possível que estejamos enganado em relação a esta história.

– Sim, pois o testemunho desta senhora é dos melhores.

Meu tio indagou pela irmã do senhor Darcy e a empregada avisou que ela viria com o grupo no dia seguinte.

– Normalmente ela passa o verão em Pemberley. – acrescentou.

“A não ser quando está em Ramsgate”, pensei com certo sarcasmo.

– Senhor Darcy é um ótimo irmão – continuou a caseira. – e faz tudo para lhe dar prazer. Mandou decorar o segundo andar da casa para agradar a jovem. Estou ansiosa para testemunhar sua surpresa.

Diante de uma galeria de quadro com retratos de vários membros da família, vi a foto do senhor Darcy com um sorriso familiar. Lembrei-me de tê-lo visto com o mesmo sorriso ao contemplar-me no Netherfield Park. Naquele momento, senti grande benevolência por aquele que tratara como inimigo. Nenhum louvor pode ser comparado ao elogio de um empregado. Aquele homem era responsável pela felicidade de grande número de funcionários e de sua irmã.

Sáímos da casa envolvidos com a conversa e, distraídos que estávamos, não vimos uma diligência parada no outro lado do rio. Para minha surpresa, senhor Darcy apareceu no caminho que dava em nossa direção. Virei-me por um momento, mas não pude evitar o constrangimento de encontrá-lo na porta de sua residência. Aquele encontro era enfadonho! Sentia-me esmagada pela vergonha e pela contrariedade. Aquele passeio fora a ideia mais infeliz do mundo. Fiquei imaginando como aquele encontro poderia parecer estranho aos olhos do senhor Darcy. Parecia que eu tinha me colocado propositadamente no seu caminho. Demoramos para falar alguma coisa, diante dos olhares curiosos de meus tios.

– Senhorita Bennet! – disse Darcy, aparentando surpresa e timidez no olhar. – Como está a sua família?

Respondi inconscientemente todas as perguntas de cortesia que me fez. Ele também parecia alterado com aquele encontro, pois me perguntou diversas vezes quando havia partido de Longbourn e quanto tempo me demoraria no Derbyshire. Aquele diálogo era estranho. Ao me referir à Pemberley, eu disse “lindo” e “encantador”, para depois pensar que meus comentários poderiam ser mal interpretados pelo senhor Darcy.

– Não vai me apresentar aos seus amigos? – indagou-me com grande interesse.

Não esperava por aquela cortesia e não pude deixar de sorrir. Aquele era o mesmo tio advogado que sofrera com o preconceito da senhorita Bingley há alguns meses, no Netherfield.

– Meus tios, senhor e senhora Gardiner.

Senti-me lisonjeada pela atitude cortês do milionário, e orgulhosa cada vez que uma expressão ou uma frase de meu tio revelava sua inteligência e boas maneiras. “Por que será que ele está tão alterado?”, pensei. “Não pode ser por minha causa, afinal eu não poderia efetuar tão grande mudança em seu caráter e, depois de tudo que eu lhe disse, é impossível que ele ainda me ame”.

– Havíamos saído de Bakwell com a notícia de que o senhor não chegaria antes de amanhã. – expliquei, embaraçada.

– Preferi me adiantar aos meus amigos. Aliás, virão pessoas que a conhecem: senhor Bingley e suas irmãs.

Corei ao pensar na última vez em que discutimos sobre senhor Bingley. Respondi com um leve aceno da cabeça.

– Existe outra pessoa no grupo – continuou senhor Darcy – que deseja conhecê-la. Se for do seu agrado, gostaria de apresentá-la à minha irmã durante sua estada em Lambton.

Tal pedido me deixou surpresa e ao mesmo tempo perturbada. Concordei sem pensar muito e compreendi que este estranho desejo da senhorita Darcy só poderia ter sido instigado pelo irmão e isso, por si só, era muito satisfatório. Senhor Darcy perguntou novamente se gostaríamos de entrar. O pedido foi novamente recusado com a maior polidez e entramos na carruagem. Da janela vi o rapaz retornar pelo mesmo caminho em direção à sua casa.

– Ele é muito cortês e modesto. – disse a senhora Gardiner.

– Sim, a dureza de suas maneiras não pode ser considerada como um sintoma de orgulho e sim como um ato de nobreza. – disse seu marido. – Ele se mostrou polido e atencioso.

– Lizzy – disse minha tia, – ele não é tão bonito quanto senhor Wickham, mas não

entendo por que você nos disse que ele era tão desagradável.

– Desculpem-me. Eu o achei mais simpático na última vez que o vi, no Kent, mas juro que nunca o vi tão amável quanto nesta manhã.

No dia seguinte, meus tios receberam os amigos de Lambton para a primeira refeição do dia. Estávamos conversando na sala, quando ouvimos a chegada de uma diligência. Corri para a janela e, de lá, avistei a libré da família Darcy. Com grande surpresa, anunciei aos meus tios e seus convidados a honra daquela visita. Foi impossível driblar os olhares de meus tios que, àquela altura, desvendavam as verdadeiras intenções do senhor de Pemberley para comigo. Eu mesma fiquei espantada com o meu nervosismo: recuei da janela com medo de ser avistada e caminhei de um lado para o outro para me acalmar. Senhorita Darcy foi a primeira a surgir diante da porta e, ao seu lado, seu irmão. Ouvira muitos comentários a respeito daquela moça e temia encontrá-la assim tão de repente. Porém, através de seus modos, percebi que se tratava de uma moça tímida, mais embaraçada do que eu.

Para minha surpresa, Darcy, após os cumprimentos, deu lugar na escada para a passagem de outra pessoa: seu amigo Bingley. O rapaz, sempre cativante, demonstrou a mesma alegria de outrora e, cordialmente, indagou sobre minha família. Reunimo-nos na sala de nossa hospedaria. Os Gardiner pareciam curiosos e teciam comentários entre eles, certamente por conta do interesse que senhor Darcy demonstrava por mim. O milionário parecia ansioso em obter minha atenção e resplandecia grande satisfação todas as vezes que nos olhávamos. Aproveitei aquela situação inusitada para observar o comportamento do senhor Bingley para com a irmã de seu melhor amigo. Nada justificaria as esperanças da senhorita Bingley por uma relação, pois em momento algum os dois deixaram transparecer qualquer interesse especial.

– Faz mais de oito meses que não nos vemos. – disse senhor Bingley. – Desde 26 de novembro, no baile do Netherfield.

Interpretei aquele comentário como um sintoma de saudades do Hertfordshire e de Jane, pois logo depois me perguntou, em tom de segredo:

– Todas as suas irmãs permaneceram no Longbourn?

– Sim. – respondi.

– Todas, tem certeza?

Já o senhor Darcy conversava com um tom diferente na voz, algo que em nada lembrava seu antigo orgulho e desdém. Nunca vira aquele homem tão desejoso em agradar pessoas de nível inferior, mesmo na presença de conhecidos. Darcy solicitou à irmã que nos convidasse para um jantar em Pemberley. A jovem atendeu o pedido do irmão com a timidez que lhe era peculiar e fez o convite dirigido a mim. Minha tia me olhou com grande curiosidade e eu, por alguns segundos, me calei, embaraçada. Senhora Gardiner, sentindo que precisava fazer algo, aceitou o convite por mim.

Após a partida do grupo, conversamos sobre o ocorrido. Minha tia elucidou-me que ao sondar moradores da região, descobrira o verdadeiro caráter, bom e honesto, de

senhor Darcy, o que contrabalanceava com as informações colhidas sobre o senhor Wickhan:

– Parece que antes de partir do Derbyshire, o filho do antigo intendente de Pemberley deixou diversas dívidas que foram quitadas pelo senhor Darcy.

Naquela noite, pensei mais em Pemberley do que na noite anterior e, embora as horas demorassem a passar, não conseguia fazer uma boa leitura sobre meus sentimentos. Durante as duas horas em que fiquei acordada, tentei ler meu próprio coração: não odiava senhor Darcy... o ódio há muito se dissipara, o que dava lugar à vergonha por ter antipatizado com ele. Meu respeito por suas qualidades me inspirava um sentimento de cordialidade, principalmente por conta de tão favoráveis testemunhos.

No dia seguinte, meu tio saiu cedo para pescar em Pemberley junto ao senhor Darcy e outros cavalheiros que lá estavam. Minha tia e eu partimos logo depois para visitar Georgiana. Senhorita Bingley estava lá e eu sabia que minha presença naquela casa não seria vista com bons olhos pela moça. Georgiana nos recebeu com muita amabilidade, mas era notável o embaraço, timidez e medo de errar diante das visitas. Senhora Gardiner e eu tínhamos pena da moça e procurávamos fazer-lhe justiça. Eu temia a entrada do senhor Darcy a qualquer momento na sala e, ao mesmo tempo, desejava vê-lo.

Logo os criados trouxeram grande quantidade de comida, o que foi apreciado por todos. Uma das amigas dos Darcy, senhora Annesley, com muita simpatia, lembrou senhorita Darcy de seu dever como dona de casa e esta serviu às visitas. Agora todos tínhamos o que fazer, entre bolos, frutas da estação, pães e frios. Naquele momento eu já estava convencida que a antipatia da senhorita Bingley era proveniente do ciúme. Isso ficou claro quando Senhor Darcy entrou na sala, pois seu olhar voltou-se para a minha reação. Tentei aparentar desembaraço, mas essa era uma decisão mais fácil de se tomar do que de se cumprir. Depois da chegada do irmão, Georgiana se esforçou para conversar mais comigo e, com esta atitude, ficou evidente que senhor Darcy estava desejoso de que a irmã me conhecesse um pouco melhor. Esse fato também foi percebido pela senhorita Bingley, que, tomada pelo ciúmes, indagou-me:

– Elizabeth, eu soube que o regimento foi retirado de Meryton. Deve ter sido uma grande perda para a sua família.

Todos ficaram calados por alguns instantes. Senhorita Bingley desejava me atacar com a lembrança do comportamento de minhas irmãs mais novas e de meu rápido relacionamento com senhor Wickham, o que me deixou confusa por alguns instantes. Respondi com indiferença e, ao olhar para senhor Darcy, percebi que este estava com o rosto alterado, com olhar fixo para senhorita Bingley, que olhava para baixo. Aquele comentário causara mais constrangimento à senhorita Darcy do que a mim, e todos se ressentiram por conta disso. Senhorita Darcy, cheia de confusão, estava enrubescida e, a partir daquele momento, não mais falou.

Quando fomos embora, senhorita Bingley disse a Darcy:

– Achei senhorita Bennet muito mal disposta nesta manhã. Aliás, nunca encontrei nenhuma beleza nela. Lembro-me do dia em que a conheci no Hertfordshire, quando percebi suas maneiras vaidosas e sem elegância. Você ainda disse “se ela é bonita assim é porque tem uma mãe inteligente”... Acredito que o senhor deva ter mudado de opinião, pois já o ouvi dizer, em certa circunstância, que a achava bastante bonita.

– Isso quando eu a vi pela primeira vez, porque há muito tempo já a considero uma das mais belas mulheres que conheci.

Senhorita Bingley viu seu amado se afastar e ficou com a sensação de que conseguira arrancar dele informações que não magoavam a mais ninguém a não ser ela própria.

No dia seguinte, recebi duas cartas de Jane. Fiquei muito feliz e as abri com pressa, pois desde que chegara não havia recebido nenhuma correspondência. A primeira carta continha duas folhas de papel. Na primeira, Jane comentava sobre as novidades do Hertfordshire, as reuniões sociais e situações cotidianas. Na segunda folha, datada no dia subsequente, escrita com pressa e com angústia explícita, Jane me informava sobre os últimos e terríveis acontecimentos:

“Cara Lizzy, o que tenho para contar diz respeito à Lydia. Coronel Forster enviou um mensageiro para nos avisar que nossa irmã fugiu com Wickhan para a Escócia. Imagine a nossa surpresa! Estou muito triste. É um casamento imprudente para ambos, mas quero esperar o melhor e acreditar que o caráter dele não foi bem interpretado. Apesar de leviano, não podemos ainda considerá-lo um homem de mal coração, afinal, sua escolha por Lydia só pode ser desinteressada. Papai não pode deixar nada à filha e ele não deve ignorar esse fato. Nossa mãe está muito desgostosa. Espero que entenda essas linhas mal traçadas, pois nem eu sei muito bem o que escrevi”.

Num único fôlego, passei para a segunda carta, escrita com menos pressa, porém com angústia duplicada. Jane me dava péssimas notícias:

“Por mais imprudente que seja o casamento de Lydia com Wickhan, esperamos ansiosos por uma confirmação de que o evento tenha sido realizado, pois temos motivos para acreditar que os dois fugitivos não foram para a Escócia. O coronel Forster não acredita que tenham se casado e foi no encalço dos dois até Clapham, onde teriam pego uma carruagem de aluguel para Londres. Papai e mamãe pensam no pior! Eu não posso acreditar que Wickhan seja um homem assim tão perverso, ao mesmo tempo que não posso crer que Lydia tenha perdido todo o juízo. Nossa mãe está acamada. Nosso pai zangou-se com Kitty, porque ela escondeu o namoro da irmã e partirá para Londres amanhã em companhia do coronel Forster. Estou contente de você ter sido poupada de cenas penosas, mas agora não posso deixar de assumir que aguardo ansiosa pelo seu regresso”.

Levantei-me num sobressalto e corri para chamar meu tio. Ao chegar à porta, esta foi aberta por um empregado, e senhor Darcy apareceu. Meu semblante e meus gestos o assustaram.

– Sinto muito – eu disse, – mas não poderei atendê-lo. Preciso encontrar senhor Gardiner urgentemente.

– Meu Deus, o que está acontecendo? – indagou o rapaz com mais agitação do que polidez.

– É um assunto urgente, não tenho tempo a perder.

Senhor Darcy, voltando a si, disse:

– Não tenho intenção em detê-la, mas deixe-me enviar um criado, pois, no estado em que se encontra, não poderá ir pessoalmente.

Meus joelhos tremiam tanto que percebi que não poderia dar um passo. Senhor Darcy chamou um criado e solicitou a presença urgente dos Gardiner. Sentei-me ainda em choque.

– Deixe-me chamar a sua criada. – disse senhor Darcy com doçura na voz. – Posso lhe oferecer um copo d’água? Parece que está se sentindo mal.

– Não tenho nada, apenas muito aflita por causa das notícias ruins que recebi de Longbourn.

Ao lembrar-me dos fatos comecei a chorar. Senhor Darcy parecia penalizado e aflito com a situação.

– Minha irmã mais moça abandonou tudo o que tinha e entregou-se a Wickhan. O senhor conhece-o muito bem e pode tirar suas conclusões quanto ao resto da história. Ela não tem dinheiro, relações, nada mais que o faça assumir um casamento. Está perdida para sempre!

Senhor Darcy parecia impactado com a notícia. Percebi naquele momento que meus encantos sobre aquele homem estavam em baixa. Sua paixão não poderia ser forte o bastante para vencer tão grande escândalo. Não podia sequer condená-lo, estava muito preocupada com Lydia, sua humilhação e a desgraça que causava à família.

– Creio que há muito esteja desejando minha ausência e sei que, apesar de minha simpatia sincera, nada posso lhe oferecer de útil que justifique minha presença.

Senhor Darcy esperou a chegada de meus tios e partiu logo em seguida. Apressei-me em revelar o conteúdo da carta para o casal. Muito embora Lydia não fosse sua sobrinha favorita, os Gardiner demonstraram profunda agonia. Após as primeiras impressões de desespero e temor, se colocaram à inteira disposição para ajudar no que fosse necessário.

Com a hospedagem devidamente paga, em menos de uma hora estávamos instalados em uma carruagem a caminho do Hertfordshire.

Meu tio aproveitou a calma da viagem para expor seu ponto de vista sobre o caso:

– Estou acreditando no melhor, afinal Lydia era protegida do coronel do regimento de Wickhan. Ele seria tão ousado em desonrar a moça sem casar-se com ela? Poderia ele supor que os amigos da moça não interviriam ao seu favor? Acho que os riscos são maiores do que a tentação.

– Se Wickhan tinha intenção de se casar com Lydia, uma mulher sem fortuna, porque fugir? – indaguei. – Isso não parece correto. Segundo a carta de Jane, o melhor amigo de Wickhan, senhor Danny, afirmou ao coronel Forster que seu amigo não tem o menor interesse em se casar, pois não pode sustentar uma mulher. Quais seriam seus maiores interesses a não ser a mocidade de Lydia?

Minha tia esbugalhou os olhos:

– Você acredita que Lydia esteja tão apaixonada que deseje viver com um homem sem estar devidamente casada?

– É o que parece. – respondi com lágrimas nos olhos. – É bem triste colocar a virtude de uma irmã em dúvida, mas Lydia nunca pensou em coisas sérias e durante o último ano só pensou em se divertir. Wickhan tem todos os atributos para cativar uma moça tão inflamável, mas não tem integridade nem honra.

Viajamos o mais rápido possível e, após dormir uma noite na estrada, chegamos a Longbourn na noite do dia seguinte. Quando a carruagem chegou no jardim, os filhos dos Gardiner vieram até a porta e saudaram nossa chegada. Abracei Jane com lágrimas nos olhos e, sem perder um segundo, indaguei pelos fugitivos.

– Ainda não temos nenhuma informação. – disse Jane, muito abatida.

– Papai está em Londres?

– Sim, escreveu-me umas linhas quando chegou. Mamãe está deprimida e não quer sair do quarto. Mary e Kitty vão bem.

Fomos ao quarto de minha mãe, que nos recepcionou com lágrimas, lamentações e acusações contra Wickhan e os Forster.

– Se alguém estivesse tomando conta da minha pobre filha, ela não teria feito uma coisa desta. – reclamou a senhora. – Sempre achei que eles não serviam para cuidar de Lydia, mas ninguém ouviu a minha opinião... Agora meu marido vai se abater num duelo com Wickhan e certamente será morto. Os Collins vão nos expulsar antes do corpo esfriar e não sei o que será de nós se não contarmos com sua boa hospitalidade, meu irmão.

Senhor Gardiner protestou contra aquelas ideias perturbadoras e tranquilizou-a afirmando que iria à Londres auxiliar o cunhado em sua busca.

– Sim, faça isso meu bom irmão – disse minha mãe – e encontre Lydia. Se os dois não estiverem casados, obrigue-os a se casar! Diga que não precisarão esperar pelo enxoval, pois terão todo o dinheiro que necessitarem. Fale sobre os tremores que tenho no corpo, as horríveis dores de cabeça e as palpitações... Fale com Lydia para não tomar providências sobre as roupas do casamento até eu chegar, pois não conhece as melhores lojas. Oh, meu irmão, diga que vai arranjar tudo!

Senhor Gardiner pediu moderação à irmã tanto nas esperanças quanto nos temores e conversou com ela até a hora do jantar. Descemos para a sala, onde nos encontramos com Mary e Kitty. A primeira estava com o semblante despreocupado e Kitty aparentava irritação por ter sido envolvida na confusão da irmã. Minha irmã mais velha explicou-me que coronel Forster já desconfiava do romance entre Lydia e Wickhan, mas que isso, até aquele momento, não lhe inspirara grandes preocupações. Naquele momento, entrei em de- sespero:

– Oh, Jane, não deveríamos ter sido tão discretas! Se tivéssemos contado tudo o que

sabíamos a respeito deste senhor, isto não estaria acontecendo.

– Agimos com a melhor das nossas intenções, Elizabeth.

Abraçamo-nos. Jane, limpando as lágrimas, mostrou-me a carta que Lydia escrevera para a esposa do coronel Forster antes de partir.

“Minha cara Harriet, você vai rir quando souber que eu fugi. Vou para Greta Green com o homem que amo. Não preciso avisar Longbourn sobre minha partida, pois isso só aumentará a surpresa quando eu assinar minha próxima carta com meu nome Lydia Wickhan”.

– Oh, como é desmiolada! – exclamei. – Ao menos demonstra interesse pelo matrimônio.

– Nunca vi papai tão abalado. É muito difícil ser discreto nestes momentos. Mamãe ficou histérica e, por causa do horror, eu assumo que não consegui fazer tudo o que deveria. Tia Phillips veio na terça, depois que papai saiu, e ficou comigo até quinta. Lady Lucas veio oferecer ajuda e desde então faz visitas diárias para exprimir seus sentimentos.

– Talvez a intenção dela seja boa, mas em casos como esses devemos manter os vizinhos bem longe, pois as condolências poderão ser insuportáveis. Que eles triunfem à distância e fiquem satisfeitos! E papai, como pretende encontrar Lydia?

– Ele estava tão transtornado que não consegui perguntar direito, mas acredito que começará sua busca em Epsom, onde trocaram os cavalos. Sua intenção é descobrir o ponto e o número do coche de aluguel.

A cidade de Meryton agora esforçava-se para denegrir o homem que há três meses elegera como um anjo de bondade. Aos poucos, ficamos sabendo que o soldado contraíra dívidas com quase todos os comerciantes da cidade e que suas aventuras haviam se estendido a muitas famílias da região.

Senhor Gardiner, ao chegar a Londres, enviou uma carta à esposa com as últimas novidades. Encontrara senhor Bennet, mas não conseguira convencê-lo a voltar para casa. Dessa forma, preferiu contribuir com as buscas e ajudar o cunhado na investigação que fazia nos principais hotéis da cidade. Meu tio aproveitava a oportunidade para comunicar que escrevera ao coronel Forster solicitando mais informações sobre Wickhan: se tinha família ou amigos que pudessem hospedá-lo ou ajudá-lo em sua fuga.

No dia seguinte, chegou uma carta de meu primo, sr. Collins. Jane havia recebido instruções de nosso pai para ler todas as missivas destinadas a ele e, com grande curiosidade, abriu o envelope. Senhor Collins, “pelo parentesco e por sua situação na vida”, sentia-se na obrigação de apresentar a nosso pai as devidas condolências pela grande aflição sofrida e sugeria ao primo a deserção de Lydia, pelo bem das demais filhas que teriam dificuldades em casar-se diante desta tragédia. Sr. Collins aproveitou para ressaltar que a morte de Lydia seria uma benção em comparação a tal crime e que Lady Catherine e sua filha concordavam com ele. Sr. Collins terminou a

carta elucidando-nos de sua satisfação por ter passado pelo infortúnio de minha rejeição em nossa casa, em novembro do ano passado, pois, de outro modo, estaria agora envolvido em todas estas tristezas e amarguras.

Senhor Gardiner, por sua vez, não voltou a nos escrever até receber a resposta do coronel Forster. Novamente, as notícias não eram boas. Wickhan não possuía laços de amizade ou parentesco e tinha motivos de sobra para se esconder, por conta das enormes dívidas que contraíra com o jogo. O próprio coronel Forster achava que seria necessário mais de mil libras para cobrir todas as suas despesas. Jane ouviu as últimas notícias com horror:

– Meu Deus, um jogador! Isso eu não esperava...

Senhor Gardiner aproveitava para informar sobre o retorno de nosso pai, que estava abatido pelo insucesso de suas buscas. Doravante, ele próprio se encarregaria pela investigação. Minha mãe, ao saber do retorno do marido, a despeito de toda a apreensão que sentira anteriormente, reclamou:

– Ele não pode voltar! Quem brigará com Wickhan? Ele precisa forçá-lo a se casar com minha filhinha.

Ficou combinado que a mesma carruagem que levaria senhora Gardiner e seus filhos a Londres, voltaria com senhor Bennet. Meu pai chegou no sábado e, com a serenidade filosófica de sempre, deu segmento às suas rotinas diárias. Ninguém teve coragem de comentar sobre as circunstâncias que o levaram a Londres. Apenas na hora do chá, me senti a vontade para exprimir as aflições da família acerca de sua viagem, ao que ele respondeu:

– Não fale mais sobre este assunto. Ninguém deveria sofrer mais do que eu, afinal sou o único culpado.

– Está sendo severo demais consigo, papai. – repliquei.

– Não, Lizzy! Deixe que ao menos uma vez na vida eu me sinta culpado. Era minha responsabilidade.

– E pensar que Lydia sempre desejou ir a Londres. – murmurou Kitty.

– Sim. – respondeu secamente nosso pai. – Deve estar feliz então, pois residirá naquela cidade por muito tempo.

Após um breve silêncio, voltou-se para mim e disse:

– E você, Lizzy... o conselho que me deu no mês passado mostrou que possui largueza de visão sobre os fatos. E isso me conforta bastante, saber que poderei conceder minha autoridade quando Kitty também resolver fugir.

– Eu não vou fugir, papai! – disse Kitty, magoada. – Se vocês tivessem me permitido ir a Brighton, eu teria me comportado mil vezes melhor do que Lydia!

– Você, ir a Brighton? – indagou meu pai com peso na voz. – Se depender de mim, a

senhorita não irá nem a Eastborn, aqui ao lado. Agora eu aprendi a ser sensato, Kitty, e você sentirá os efeitos de minha prudência. Não permitirei a entrada de nenhum soldado nesta casa e os bailes estão absolutamente proibidos!

Kitty começou a chorar. Logo, meu pai se deu conta de seu exagero e, mais calmo, disse:

– Vamos, não chore... Se você se comportar nos próximos dez anos, eu te levo para assistir uma parada.

Dois dias depois, nosso pai recebeu uma carta do senhor Gardiner, remetida de Londres.

– Papai, o que aconteceu? Recebeu nova carta do tio? – indaguei.

– Sim, pelo expresso.

– Traz notícias boas ou ruins?

– Devemos esperar algo de bom? Imagino que queira ler em voz alta.

Apanhei a carta e pus-me a ler. Nosso tio finalmente nos dava notícias concretas sobre o paradeiro de nossa irmã e dizia tê-los encontrado.

“Estive com ambos. Eles não estavam casados e não almejavam fazê-lo, mas tomei a liberdade de entrar em acordo com o senhor Wickhan a este respeito. Dessa forma, espero que se casem em breve. Tudo o que o rapaz exige de sua parte é assegurar à Lydia, por acordo contratual, antecipação da herança que o senhor deixará para sua filha após a morte. Em vida, o senhor também se comprometeria a dar cem libras por ano ao casal. Caso o senhor me delegue plenos poderes, tomarei as devidas precauções para a realização do casamento em minha casa, após a assinatura do contrato. Tornarei a escrever-lhe assim que houver novas decisões sobre este assunto”.

Jane terminou de ler a carta de nosso tio e, sabendo do desagrado que nosso pai tinha em escrever, propôs:

– Deixe-me escrever a carta-resposta para o senhor. Pense na importância que cada minuto possui em um caso como este!

– Que resposta o senhor dará, papai? – perguntei. – Suponho que aceitará os termos propostos pelo senhor Wickhan, apesar dele ser um ordinário...

– Sim, claro, os dois precisam se casar. – respondeu o homem com mal humor.

– Então eles vão se casar e nós precisamos nos considerar afortunados? – indaguei furiosa. – Oh, Lydia, suas chances de ser feliz são tão pequenas... menores são as chances de seu marido não ser tão ruim.

Senhor Bennet refletiu um pouco e disse:

– Me pergunto se terei condições de reembolsar meu cunhado por conta de suas

despesas.

– O que quer dizer, meu pai? – indagou Jane, confusa.

– Acho pouco provável que um homem como Wickhan se casasse com Lydia em troca de uma compensação tão pequena. Esse homem seria um estúpido se a aceitasse por menos de dez mil libras. Caso contrário, pensaria mal dele logo no começo de nossas relações!

– Dez mil libras? – espantou-se Jane. – Nem pense nisso, por Deus! Como poderíamos dar-lhe esse dinheiro?

– Eu não tinha pensado nisso. – exclamei. – Nosso tio deve ter se oferecido para cobrir as dívidas de Wickhan. É um homem generoso, mas não seria prudente colocar-se em situação tão difícil, afinal ele tem filhos para criar.

Meu pai dirigiu-se à biblioteca para escrever a carta-resposta e nós fomos ao quarto de nossa mãe para contar as últimas novidades. Mary e Kitty estavam lá e ouviram sobre o conteúdo da carta e nossas preocupações a respeito dos acontecimentos. Senhora Bennet não conseguiu se conter de tanta alegria e tornou-se tão ruidosa quanto nos momentos de depressão. Sentia-se plena ao saber que a filha se casaria, independentemente de todos os receios quanto à felicidade de Lydia.

– Oh, meu Deus, minha filhinha se casará... e com dezesseis anos! – repetia sem cessar. – Que vontade de vê-la e meu querido Wickhan também! Vou a Meryton contar as novidades para a senhora Phillips e depois encontrar-me com a senhora Lucas no Lucas Lodge...

Jane tentou acalmar nossa mãe, lembrando que devíamos muito ao senhor Gardiner pelos seus atos:

– ...estamos convencidos de que ele se empenhou em ajudar Wickhan com boa soma em dinheiro.

– Ora, é o mínimo que ele poderia fazer como tio. – replicou nossa mãe. – É a primeira vez que recebemos alguma coisa de sua parte...

As boas notícias do casamento ressoaram pela vizinhança e as pessoas invejosas de sempre apresentaram seus votos de felicidade com o mesmo contentamento com que anteriormente expressaram suas condolências. Sabiam que com um marido como Wickhan, a desgraça de Lydia era iminente.

Eu me sentia arrependida por ter revelado prematuramente ao senhor Darcy as circunstâncias do envolvimento de Lydia com Wickhan. Como o casamento se realizaria em breve, talvez pudéssemos ter escondido o fato vergonhoso a todos que não estavam diretamente envolvidos com o problema. Darcy triunfaria se soubesse que, na atual circunstância, eu aceitaria com alegria e gratidão a mesma proposta que há quatro meses recusara de modo tão orgulhoso. Mais do que generosidade, para me fazer outra proposta de casamento após esse duro golpe, era preciso que não fosse humano.

Logo, meu pai recebeu uma carta-resposta do senhor Gardiner, informando que conseguira um posto para Wickhan no exército regular ao norte do país, onde poderia criar nova reputação ao lado de sua esposa. Nosso tio também pedia que recebêssemos o casal em Longbourn antes de se juntarem ao regimento.

De início, papai se recusou de recebê-los em nossa casa, mas foram tantos os pedidos de suas filhas para que mudasse de ideia que finalmente cedeu e mandou nova missiva para Londres permitindo a visita. Jane e eu ficamos aliviadas em saber que o matrimônio de Lydia teria a benção de nosso pai. Nossa mãe teve a satisfação de saber que, em breve, poderia caminhar nas ruas de Meryton com sua filha recém-casada a tiracolo. No meio de todo aquele tumulto, o fato de Wickhan ter aceitado o convite de meu pai foi o que mais me surpreendeu. Na minha preferência, jamais me encontraria com ele novamente e isso era a última coisa que eu desejava fazer naquele momento.

No dia da chegada de Lydia e Wickhan a Longbourn, Jane e eu parecíamos ainda mais ansiosas do que nossa irmã. Assim que a carruagem aportou em Longbourn, senhora Bennet se desmanchou em sorrisos, a despeito de seu marido, que mantinha o olhar grave e impenetrável. Ouvimos a voz de Lydia no vestíbulo e, assim que as portas se abriram, a jovem senhora entrou correndo para ser abraçada pela mãe. Lydia era a mesma pessoa e continuava imprudente e indomável. Cumprimentou-nos exigindo os parabéns, rindo por não mais reconhecer o lugar que deixara há mais de três meses:

– Quando fui embora, nem sequer imaginava que um dia voltaria casada! Mas achei que seria engraçado se isso acontecesse...

Não aguentei aquela conversa e me retirei da sala, retornando apenas quando ouvi o grupo se encaminhando para a sala de jantar. Nesse momento, Lydia parecia ansiosa, pois tomaria o lugar da irmã mais velha na mesa, ao lado da mãe.

– Jane, você fica mais para baixo, pois agora sou uma mulher casada.

Lydia não demonstrava nenhum embaraço com as circunstâncias de seu enlace com senhor Wickhan. Muito pelo contrário, ansiava ser chamada pelo nome do marido e estava ansiosa em ver senhora Phillips, os Lucas e todos os outros vizinhos.

– Diga-me, mamãe – disse ela ao se ver só entre mulheres, – o que acha de meu marido? Ele não é encantador? Minhas irmãs devem estar com muita inveja. Precisam ir todas para Brighton, pois lá se encontram bons maridos...

– É verdade. – concordou nossa mãe. – Se tivessem me dado ouvidos!

– Quando eu for para o norte, a senhora poderá enviar uma ou duas das minhas irmãs. Tenho certeza que arranjarei marido para elas até o fim do inverno.

– Agradeço muito – eu disse, em tom de ironia, – mas não aprecio o modo como você arranja maridos.

– Não contei como ocorreu meu casamento. Não estão curiosas para saber como tudo aconteceu?

– Não. – respondi secamente. – O quanto menos falarmos sobre este assunto, melhor.

Lydia continuou:

– Nos casamos na Igreja de São Clemente. Vocês não imaginam como nossos tios foram severos comigo. Tia Gardiner ficou falando comigo o tempo todo enquanto eu me vestia, como se estivesse brigando, mas não consegui prestar atenção, pois estava pensando no meu querido Wickhan. Eu estava assustada, pois meu tio me serviria de padrinho e estava atrasado. Mas depois me lembrei que senhor Darcy poderia substituí-lo.

– Senhor Darcy? – indaguei, espantada.

– Sim, ele foi à igreja com o senhor Wickhan. Mas eu não devia estar te contando isso. Prometi guardar segredo sobre esse fato.

Jane interrompeu a irmã:

– Se era segredo, não diga mais nada, pois não faremos perguntas.

– Sim, concordei, queimando de curiosidade. – Não lhe indagaremos mais nada sobre este assunto.

– Que bom, pois se vocês perguntassem, eu diria tudo o que sei e meu marido ficaria muito zangado comigo.

Para não aceitar aquela provocação, tive que fugir para os meus aposentos. Lá, me armei com papel e pena para escrever uma carta para senhora Gardiner com indagações a respeito daquele assunto. Não tardou, minha tia enviou-me uma carta-resposta extensa, onde admitia sua surpresa por minha curiosidade. Contou-me que, quando chegara de Longbourn, encontrara o marido em uma conferência com senhor Darcy.

“Ele viera informar-nos do paradeiro de Wickhan e Lydia, pois já os tinha visto e conversado com ambos. Senhor Darcy procurou-os na pousada de uma antiga governanta de Pemberley, que fora despedida por motivos que não sei lhe explicar, e, após subornar a mulher, conseguiu obter o endereço que desejava. Encontrou-se com Wickhan e demonstrou interesse em ver Lydia. Darcy percebera desde a primeira conversação que tivera com Wickhan que este não tinha interesse em casar-se com minha sobrinha. O rapaz tinha a intenção de se afastar do posto de tenente e ir para algum lugar, mas sem saber para onde, pois não tinha dinheiro para viver. Wickhan queria muito mais do que poderia obter, mas afinal entrou em acordo com o senhor Darcy. Apesar do seu feito heroico, o milionário preferiu ficar incógnito nesta história, alegando que se sentira culpado por não ter denunciado Wickhan às autoridades quando teve condição de fazê-lo. Não acreditamos nesses argumentos e achamos que senhor Darcy é movido por outros interesses. Desculpe-me se estou sendo ousada, querida Lizzy, mas não pense em me excluir de Pemberley, pois nunca me sentirei totalmente feliz enquanto não percorrer todos os jardins da residência montada em um pônei e com um belo vestido”.

O conteúdo desta carta me lançou em um estado de grande agitação, pois validava suspeitas que eu temia acreditar. Senhor Darcy demonstrava uma grandeza de espírito que eu dificilmente encontraria em outra pessoa, e eu só pensava nas obrigações que eu teria para com esse rapaz, após tão belo gesto. Darcy seguira Lydia até Londres e assumira todos os incômodos desta pesquisa. Tivera que suplicar ajuda a uma mulher que abominava e fora obrigado a conversar e subornar o homem que sempre desejara evitar. Meu coração me dizia que tudo isso ocorrera por minha causa. E pensar que um possível casamento comigo o tornaria cunhado de Wickhan! O orgulho mais primitivo se revoltaria contra esse prognóstico e eu me envergonhava só de pensar em

tudo que lhe devia. Estava absorvida pelos pensamentos, quando senti a aproximação de Wickhan. Tentei fugir pelo outro caminho, mas fui abordada:

– Não quero incomodar seu passeio, querida irmã. Sentiria muito, afinal sempre fomos bons amigos!

– Sim, decerto. Os outros não vêm passear?

– Estão a caminho de Meryton. Eu soube, cara irmã, que você esteve em Pemberley.

Respondi que sim com a cabeça.

– Certamente esteve com a velha caseira. Suponho que ela não tenha falado de mim...

– Falou sim. Disse que o senhor havia entrado para o exército e parecia não ter dado boa coisa.

Wickhan mordeu os lábios e, depois de breve pausa, disse:

– Eu avistei senhor Darcy pelas ruas de Londres no mês passado. A senhorita sabe o que ele anda fazendo naquela cidade?

– Talvez pensando em seu casamento com senhorita De Bourgh.

– Se não me engano, os Gardiners disseram tê-lo visto em sua companhia em Lambton.

– Sim, ele me apresentou à sua irmã. Gostei muito dela.

– Ah, sim, ouvi dizer que melhorou muito nos últimos anos. Da última vez que vi a moça, não prometia dar muita coisa.

– Não se preocupe, pois já passou a idade mais perigosa.

– Vocês passaram por Kympton? É a sede da reitoria que deveria ter sido minha. Um lugar encantador.

– Ouvi de outra pessoa ainda mais bem informada que o senhor Darcy que, naquela época, o senhor tinha optado em não se ordenar e que houve um acordo financeiro neste sentido.

– Sim, claro... deve lembrar-se que eu comentei algo a este respeito, quando nos falamos pela primeira vez.

Eu havia andado tão depressa para me livrar do marido de minha irmã, que já estava na porta de casa. Não querendo mais provocá-lo, por causa de Lydia, tentei ser cordial:

– Vamos acabar com essa briga, senhor Wickhan, afinal somos irmãos agora. Espero que estejamos sempre de acordo de agora em diante.

Estendi a mão para que ele a beijasse. O rapaz pareceu ter ficado satisfeito com a conversa, pois não tocou mais no assunto.

Poucos dias depois, Lydia partiu com Wickhan prometendo manter algum contato com sua família:

– Escreverei sempre que puder, mas lembrem-se que uma mulher casada quase não tem tempo para isso. Minhas irmãs podem, pois não tem nada para fazer.

Senhor Bennet não pôde deixar de enumerar com evidente ironia todas as qualidades de seu novo genro:

– Ele é realmente um belo rapaz! Distribui sorrisos estúpidos e, de modo forçado, faz a corte a todo mundo. Estou muito orgulhoso do marido que nossa filha arranjou. Desafio sir William a apresentar um genro melhor que este.

Minha mãe ficou triste com a partida de Lydia, pois almejava instalá-la perto do Hertfordshire. Jane e eu tentamos dissuadi-la da depressão, mas não foi necessário, pois logo chegou uma notícia que a deixou muito agitada: senhor Bingley chegaria à Netherfield Park para uma temporada de caça.

– Por mim não quero mais vê-lo. – disse nossa mãe. – No entanto, é bom saber que ele tenha voltado. Quem sabe o que pode acontecer? Há muito resolvemos não mais falar nisso, se lembram? Mas é certa a chegada dele?

O fato havia sido informado pela senhora Phillips e posteriormente confirmado pela caseira de Netherfield. Havia muitos meses que o nome de Bingley não era mencionado naquela casa e Jane se sentia pressionada:

– Essa notícia não me causa alegria nem sentimento nenhum, Lizzy, mas tenho horror às observações que as pessoas farão sobre nós dois.

Apesar de todo o desconforto, Jane sentia certo alívio em saber que o rapaz viria sozinho, o que a despojaría de visitá-lo. Eu não sabia o que pensar. Se não o tivesse visto no Derbyshire, poderia facilmente aceitar o motivo de sua chegada, mas achava que Bingley ainda gostava de minha irmã.

– Convidarei Bingley para um jantar! – disse minha mãe, eufórica.

Jane elucubrava de modo confuso:

– Prefiro que ele não venha, Lizzy. Sei que minha mãe tem boas intenções, mas ela não sabe o que eu sofro com tudo que dizem. Vou agradecer à Deus quando senhor Bingley for embora novamente.

Três dias após a chegada de Bingley ao Hertfordshire, senhora Bennet estava olhando pela janela quando avistou o rapaz passar pelos portões de Longbourn em direção à nossa casa. Jane permaneceu sentada e eu fui até o vidro para ver o que acontecia. Darcy vinha em companhia de Bingley. Sentei-me ao lado de Jane e ficamos paradas, aprisionadas pela surpresa. Jane pouco sabia de meus encontros com senhor Darcy no Derbyshire, e não podia supor sobre seu envolvimento no casamento de Lydia, pois eu não ousara em mostrar-lhe a carta remetida por nossa tia.

– Eu odeio esse tal de Darcy. – disse senhora Bennet, sem saber que o rapaz salvara

sua filha favorita de eminente desonra.

Refleti sobre aquela visita inesperada e, aos poucos, senti as cores voltar ao meu rosto. Não pude deixar de sorrir de prazer ao pensar que os sentimentos de Darcy poderiam não ter se alterado. “Vamos ver primeiro como ele me tratará”, pensei. “Antes disso, não é pertinente ter esperanças”.

Jane tinha o rosto mais pálido do que de costume, porém estava mais calma do que eu esperava. Quando os rapazes entraram na casa, enrubescemos ligeiramente. No entanto, recebemo-los com tranquilidade e boas maneiras, sem amostras de ressentimento ou qualquer desejo exagerado de agradar.

A expressão de Darcy era grave, pois talvez não se sentisse tão à vontade na presença de minha mãe quanto na de meus tios. Bingley parecia alegre e ao mesmo tempo embaraçado. Senhora Bennet o recebeu com gentileza exagerada, o que nos deixou com vergonha, principalmente depois de tratar senhor Darcy com fria cordialidade. Eu, que sabia o quanto a minha mãe devia a este último, sentia-me ferida e humilhada por todo aquele desprezo.

Iniciamos breve conversa e eu percebi que Darcy olhava para Jane tanto quanto olhava para mim. Aquela atitude exprimia despreocupação, o que me deixou frustrada. “Mas, se é assim, porque ele veio aqui?”, pensei. Eu não me sentia a vontade para falar com mais ninguém, a não ser comigo mesma, e o máximo que eu consegui foi indagar sobre sua irmã. Nossa mãe preferiu abrir conversação com o senhor Bingley:

– Faz tempo que o senhor foi embora. Lydia está casada. O casamento foi arranjado pelo tio dela e, por isso, foi feito de modo confuso e mal ajambrado. Depois, foram para o norte. Wickham está alistado no exército regular. Ainda bem que meu genro possui alguns amigos, mas não tantos quanto merecia.

Eu sabia que isso era dirigido ao senhor Darcy e, por pouco, não me levantei e fugi de tanta vergonha. Ao invés disso, mudei o assunto da conversa. Quando os dois se levantaram para ir embora, nossa mãe lembrou-se do convite que tencionava fazer e ambos se comprometeram a jantar em Longbourn dentro de poucos dias.

Assim que os dois cavalheiros partiram, saí de casa, a fim de recuperar minha tranquilidade e pensar sem interrupções naqueles assuntos. “Por que ele veio aqui, se permaneceu em silêncio?”, indaguei-me. “Ele foi amável com meus tios em Londres, mas aqui continuou apático. Que homem misterioso. Não devo mais pensar nele”. Jane, porém, interrompeu meus pensamentos e juntou-se a mim com ar alegre e de satisfação:

– Agora que o primeiro encontro passou, posso dizer que conheço meus limites. Senti-me à vontade com senhor Bingley e não mais sentirei embaraço em sua presença. Estou feliz que ele venha jantar na próxima terça-feira, pois, dessa forma, as pessoas verão que somos apenas amigos.

Daí a alguns dias, um grupo numeroso se uniu em Longbourn e as duas pessoas mais

aguardadas chegaram pontualmente. Minha mãe, que era prudente e colocava as suas ideias em prática, cuidou para que ninguém se sentasse ao lado de sua filha mais velha, o que de fato deu resultado: Bingley entrou na sala e, após hesitar por um instante, olhou para Jane, que sorriu. Foi o suficiente para se sentir a vontade para tomar lugar ao seu lado.

Encorajada com aquele fato, olhei triunfante para senhor Darcy, que me olhou com certa indiferença. Percebi naquele momento que Darcy havia finalmente dado “permissão” para que o amigo retomasse ligações com Jane. Na hora do chá, senti que poderíamos trocar algumas palavras. “Se ele não vier falar comigo, renunciarei a este homem para sempre”, pensei. Mas, novamente, fui importunada pelo acaso, pois uma das senhoras tomou o lugar ao meu lado e, se rindo, disse:

– Não vamos deixar que nenhum homem fique entre nós, não é?

Darcy passou para o outro lado e eu o acompanhei com os olhos enquanto servia chá às pessoas, com impaciência. “O homem foi recusado uma vez. Como você pode ter esperanças que ele volte a se declarar?”, indagava em meus pensamentos. Porém, pouco tempo depois, chegou a hora de servi-lo e pude trocar algumas palavras. Perguntei por sua irmã e ele me respondeu que a moça continuava em Pemberley, aos cuidados de sua governanta. Não encontrei mais assuntos para conversar, mas também não fui encorajada por ele.

Quando o serviço de chá foi retirado, tive esperanças de retomar diálogo com o rapaz em uma das mesas de jogo que foram dispostas, mas vi com irritação minha mãe tomá-lo como parceiro de uíste. Minhas únicas esperanças era que Darcy voltasse seus olhos para mim durante o jogo, o que faria dele um péssimo jogador, assim como eu.

No final da reunião, as carruagens foram chamadas e os dois cavalheiros voltaram para Netherfield.

– Achou a festa agradável, Jane? – indaguei com certo ar de sarcasmo.

– Sim, os convidados foram bem escolhidos e todos estavam intimamente bem relacionados.

Sua resposta me fez sorrir, ao que Jane protestou:

– Lizzy! Você não deve suspeitar de mim, pois isso me deixa apavorada. Ele é um rapaz bom e sensato, mas não tenho outras intenções. É fácil prever que senhor Bingley não deseja minha afeição; quer apenas ser gentil.

– Perdão, minha cara Jane, mas se você insistir nesta falsa indiferença, não serei mais sua confidente.

Poucos dias depois daquele jantar, senhor Bingley apareceu sozinho em Longbourn. Sua visita foi tão espontânea, que as moças ainda não estavam vestidas.

– Jane, ande depressa! – gritou nossa mãe enrolada em um robe. – Ele chegou! Sarah, deixe o cabelo de Elizabeth e ajude senhorita Bennet a pôr o vestido.

– Desceremos assim que pudermos, mãe. – disse Jane. – Kitty é ligeira e já desceu à meia hora.

– Oh, mas o que Kitty tem a ver com isso. Anda depressa!

Mas depois que nossa mãe saiu do quarto, Jane se recusou a apresentar-se a Bingley sem a companhia de suas irmãs.

Nossa mãe planejava deixar Jane a sós com senhor Bingley e, após o chá da tarde, viu seu marido retirar-se para a biblioteca e Mary subir as escadas para tomar aulas de piano. Ficou piscando para mim e Kitty, que, ingenuamente, deflagrou suas intenções:

– Por que está piscando para mim, mamãe?

– Não estou piscando, apenas quero falar com você e Lizzy lá fora.

Jane lançou-me um olhar de contrariedade, mas eu não pude desobedecer o pedido de nossa mãe e acompanhei às duas ao *hall* de entrada do solar.

Quando voltei, vi minha irmã e Bingley juntos, ao lado da lareira, conversando um assunto de máxima gravidade. E se não bastasse esse fato para levantar suspeitas, a expressão embaraçada de ambos revelava o conteúdo daquela conversa. Eles estavam envergonhados, e eu, *idem*. Jane sentou-se e Bingley sussurrou-lhe algumas palavras antes de pedir licença e se encaminhar para a biblioteca. Minha irmã mais velha estava tão contente que não teria reservas em confidenciar-me o que ocorrera e, abraçando-me, confessou com voz embargada que era a pessoa mais feliz do mundo.

– Eu não o mereço! Por que todos não podem ser felizes como eu?

Congratulei-a com tanto entusiasmo que tal cena não poderia ser descrita com palavras, e isso serviu como nova fonte de alegria para minha irmã.

– Preciso ver mamãe. Não quero que ela saiba de tudo através de outra pessoa, afinal seu cuidado comigo é tão carinhoso.

Eu estava feliz com o término de um caso que nos trouxera tanta ansiedade e incerteza. “E assim”, pensei, “é o fim de todas as mentiras de senhorita Bingley e cuidados exagerados do senhor Darcy. Não poderia haver um fim mais justo e razoável para esta situação.”

Bingley havia se trancado com senhor Bennet na biblioteca para lhe apresentar o pedido de maneira formal. A reunião foi curta e decisiva. O rapaz abriu a porta e reclamou-me os parabéns:

– Agora seremos irmãos!

Apertamos as mãos com afabilidade e, enquanto minha irmã descia as escadas, eu escutava tudo o que Bingley tinha a me dizer sobre o futuro e sua própria felicidade ao lado de Jane. Aquela noite foi de muita alegria para toda a família. Jane tinha no rosto uma felicidade que lhe emprestava ainda mais doçura, Kitty sorria e já

imaginava os bailes que dançaria em Netherfield, Mary pensava na quantidade de livros que poderia ler na biblioteca daquela mansão, senhora Bennet não encontrava palavras para exprimir sua emoção e até mesmo meu pai denotava através de suas maneiras o contentamento que possuía em virtude daquele noivado. Quando senhor Bingley partiu, nosso pai virou-se para Jane e disse:

– Parabéns, minha filha, você será muito feliz.

Jane sorriu com lágrimas nos olhos e, beijando seu rosto, agradeceu pelo carinho.

– Você é uma boa menina. – continuou ele. – Gosto de saber que estará bem casada. Ambos são tão tolerantes que nunca tomarão decisões definitivas e certamente gastarão mais dinheiro do que possuem.

A partir daquele momento, Lydia, Wickham e tudo o mais estavam esquecidos. Jane era a filha favorita de nossa mãe e todos começamos a pensar nos prazeres que tiraríamos daquele casamento. Bingley passou a visitar-nos diariamente e, quando o rapaz estava em nossa casa, Jane dispunha de pouco tempo para conversar comigo. Quando Bingley tinha que se ausentar para visitar um amigo ou vizinho, Jane tinha em mim uma ótima confidente e, na ausência de minha irmã, Bingley sempre se aproximava para conversarmos. Numa de nossas conversas, Jane disse-me que seu pretendente não soubera de sua estada em Londres na época em que estiveram separados.

– Eu já imaginava isso. Mas como é que ele se explicou?

– As irmãs não viam este relacionamento com bons olhos, o que até acho natural, visto que ele poderia ter feito escolhas mais vantajosas em outros sentidos. Mas elas verão que Bingley é feliz comigo e se resignarão, embora eu não possa ter a mesma intimidade de antes.

– Essa é a frase mais ríspida que já ouvi de você. – respondi rindo. – Fico feliz que não queira ser novamente enganada pela falsa amizade das senhoritas Bingley.

– Quando ele foi para Londres, já gostava de mim e só não retornou para o Hertfordshire porque disseram para ele que eu lhe era indiferente.

– Sim, ele cometeu um pequeno erro, mas isso prova sua modéstia. – eu disse.

– Ainda bem que senhor Darcy o convenceu de voltar aqui e me propor em casamento.

Meus olhos se iluminaram. Aquele era o último ato de bondade que eu esperava do dono de Pemberley. Agora nada me impedia de unir-me ao homem que trouxera tantas alegrias para o nosso lar.

A aliança de Jane com o senhor de Netherfield Park não ficou oculta por muito tempo, pois nossa mãe falou com senhora Phillips, que, sem autorização para divulgar os acontecimentos, espalhou a notícia. Não demorou muito, todos na cidade declararam que os Bennet eram a família mais próspera do mundo, embora, semanas antes, tivessem considerado-nos desafortunados por conta do escândalo com Lydia e

Wickhan.

Certa manhã, estávamos sentados na sala de jantar quando ouvimos o ruído de uma carruagem. Chegamos à janela e vimos que o coche puxado por cavalos de pura raça era desconhecido pela família. Era muito cedo para uma visita e todos estavam preparados para uma surpresa, mas o espanto foi muito maior do que poderíamos prever. Era Lady Catherine de Bourgh.

Ela entrou na sala com ar orgulhoso e respondeu à minha saudação com breve inclinação da cabeça. Apresentei-a ao resto da família, apesar da visitante não ter solicitado tal menção de seu precioso nome. Minha mãe estava espantada e ao mesmo tempo envaidecida por receber tão importante visita.

A senhora de Rosing sentou-se e, após as apresentações, pôs-se a criticar o tamanho de nossa residência, ao que nossa mãe respondeu:

– Não é nada em comparação com o Rosing, mas é bem maior do que o Lucas Lodge.

Perguntei se ela desejava beber algo, o que foi recusado. Levantando-se com urgência, pediu para que eu a acompanhasse em um passeio, pelo bosque atrás de nossa casa.

– Vá, meu bem – disse minha mãe. – E mostre à Sua Senhoria como nossa residência é grande. Acho que ela gostará de ver nosso caramanchão.

Fui ao quarto para buscar a sombrinha e, em seguida, indiquei o caminho para nossa visitante. Eu não estava disposta a conversar com aquela senhora, que até o momento se mostrara ainda mais desagradável e arrogante que de costume.

– Imagino, senhorita Bennet, que sua consciência deve revelar-lhe o porquê de minha presença em sua casa.

– Está enganada, minha senhora, pois não posso adivinhar tal motivo.

Lady Catherine parecia irritada e respondeu-me com tom agressivo:

– Sabe que não sou de brincadeiras. Há poucos dias soube que sua irmã realizará um casamento dos mais vantajosos para sua família e a alarmante mentira de que senhorita Elizabeth estaria em breve casada com meu sobrinho, senhor Darcy!

Eu estava espantada, mas não pude deixar de replicar:

– Não entendo como pôde viajar de tão longe para indagar-me de uma notícia que trata como falsa.

– Quero que a senhorita a desminta.

– Ao se deslocar de tão longe, a senhora parece confirmar a veracidade desta

informação.

– E a senhorita vai negar que sua família transmitiu tal notícia, astutamente? Ou vai dizer que nunca ouviu tal boato?

– Sinceramente, não estou sabendo de tal notícia.

– E ela teria fundamento?

– Como não tenho certeza, Lady Catherine, prefiro não responder a tal pergunta.

– Exijo que me responda! Meu sobrinho lhe pediu em casamento?

– A senhora mesma disse que isso seria impossível.

– Mas seus artifícios de sedução podem tê-lo feito esquecer da gratidão que possui por sua própria família. A senhorita o seduziu?

– Se fiz isso, serei a última pessoa a confessar.

– Senhorita Bennet, não estou acostumada a ser tratada com este tom de voz! Sabe quem eu sou?!

– A senhora é parente de senhor Darcy e talvez tenha o direito de se intrometer em seus negócios, mas não tem os mesmos direitos em relação aos meus.

– Direi claramente: esse casamento que a senhorita tem a pretensão de cobiçar nunca acontecerá, pois senhor Darcy está prometido para minha filha.

– Sim, já ouvi dizer. Mas se o senhor Darcy não está ligado à senhorita De Bourgh pela honra ou pelo amor, não vejo motivos para não escolher outra pessoa.

– Mas os interesses o impedem de fazê-lo. Não ache que será recebida com amabilidade por nossa família.

– Isso seria triste, mas a esposa do senhor Darcy certamente se encontrará em posição tão destacada que terá outros motivos para gozar de sua felicidade.

– Como você é teimosa e insolente! Não estou habituada a ceder aos caprichos de ninguém!

– Isso tornará sua presença aqui ainda mais insuportável.

– Não me interrompa! Escute-me em silêncio. Minha filha e o primo são feitos um para o outro, pois são descendentes de uma linhagem nobre. Suas fortunas são excelentes e a família deseja vê-los unidos em matrimônio. A senhorita, uma moça sem família, relações e fortuna, não poderá ser tolerada. Pense em seus interesses, aceite meus conselhos e não queira sair de sua esfera social.

– Se me casasse com senhor Darcy não sairia de minha esfera social, pois seu sobrinho é um cavalheiro, assim como meu pai. Portanto, somos iguais.

– Seu pai é um cavalheiro, mas quem é sua mãe? Quem são seus tios? Sei bem da situação de cada um deles. Sei tudo sobre a conduta imperdoável de sua irmã mais

jovem e como seu casamento foi arranjado às despesas de seu tio. Não quer que meu sobrinho se torne irmão desta menina, nem tampouco que se torne parente do filho do intendente de seu pai? Todos os antepassados de Pemberley seriam ofendidos com tal casamento.

– A senhora não tem mais nada a dizer, pois já me insultou de todas as maneiras.

– Não irei embora enquanto não receber a resposta que exijo!

– A senhora não pode me intimidar nem me obrigar a fazer algo tão fora do razoável. A senhora quer a minha recusa, mas isso não tornaria o casamento de seu sobrinho com senhorita De Bourgh mais provável. A senhora pensa que a minha recusa seria o bastante para que senhor Darcy transferisse suas afeições para sua filha? Com sua licença, desejo voltar para casa.

Levantei-me e tomei o caminho de volta para casa. Lady Catherine disse, furiosa:

– Você não tem consideração pelo bom nome do meu sobrinho! Sua menina egoísta, não percebe que este casamento o desonraria perante todos?

– Desculpe-me, mas a senhora já sabe o que eu penso a este respeito.

– Pode ficar certa, senhorita Elizabeth, que farei valer a minha vontade.

Eu não respondi e, sem convidá-la para entrar novamente, virei as costas e me dirigi para casa. Minha mãe, que estava impaciente de tanto esperar, veio me indagar sobre Lady Catherine. Respondi-lhe que a mesma preferiu partir.

– É uma senhora elegante! Sua visita foi especial. Suponho que ela tenha vindo apenas para dar notícias dos Collins.

– Sim, apenas veio compartilhar comigo algumas notícias de Charlotte.

Minha mãe se satisfez com a explicação, assim como todo o resto da família. Apenas meu pai desconfiou de meus argumentos e aproveitou a oportunidade para me convidar para uma conversa.

– Lizzy, venha à biblioteca.

Ele tinha uma carta nas mãos e, aos poucos, me ocorreu que poderia ter sido escrita por Lady Catherine. Já imaginava as explicações que teria que dar, quando meu pai disse:

– O assunto desta carta se refere à você e, portanto, preciso informá-la do conteúdo. Eu não sabia que tinha duas filhas a caminho do altar. Deixe-me cumprimentá-la.

“Meus Deus, será que a carta é de Darcy”, pensei. “Devo ficar contente ou ofendida pelo fato da carta não ter sido remetida a mim?”

– Esta carta é do senhor Collins.

– Do senhor Collins? O que ele quer conosco?

– Senhor Collins pede desculpas por não enviar tantas cartas quanto merecemos etc. e diz que por conta de sua situação na vida, é sua obrigação informar que os Lucas comentaram com Lady Catherine as relações que você possui com senhor Darcy e aproveita para parabenizá-la e preveni-la que Sua Senhoria não concorda com esse possível casamento.

Meu pai começou a rir:

– Imagine, Lizzy, senhor Darcy! Poderiam ter feito suposição mais ridícula? É espantoso. Você odeia aquele homem e ele jamais olhou para uma mulher senão para criticar!

Não pude deixar de rir também, talvez por conta do alívio que sentia naquele momento. Meu pai leu outra parte da carta que achou necessária, onde senhor Collins se mostrava alegre ao saber da rapidez com que o escândalo com Lydia foi abafado. O reitor aproveitou para dizer que a atitude de meu pai em aceitar o casal em sua casa após o casamento arranjado foi um “encorajamento ao vício” e que se ele fosse o pai da pecadora, como cristão, teria perdoado, mas não mencionaria mais o nome da filha.

– Essa é a noção que ele tem de perdão? – indaguei perplexa.

– Odeio escrever, mas por nada no mundo deixo de abrir as correspondências do senhor Collins, pois me dão mais prazer do que as cartas de Wickham. E olha que prezo muito pela hipocrisia e imprudência deste meu genro.

Continuamos a rir, até que senhor Bennet me indagou:

– E porque Lady Catherine veio afinal? Aposto que veio recusar o seu consentimento.

Voltamos a rir, como se a história fosse absurda. Era necessário rir para não chorar, pois meu pai me deixava triste com aqueles pensamentos sobre Darcy. A sua falta de sensibilidade em relação aos fatos me espantava, mas, ao mesmo tempo, eu temia que ele estivesse certo. E se o casamento com senhor Darcy fosse, realmente, uma ideia absurda?

Assumo que desde a visita de Lady Catherine à minha casa, esperava que o senhor Bingley recebesse uma carta de Darcy cancelando sua volta ao Hertfordshire. Ao invés disso, me surpreendi com a visita de Darcy poucos dias após o aparecimento de sua tia. Tive medo que minha mãe contasse sobre aquela rápida visita de Sua Senhoria e, antes que pudesse falar, propus um passeio no bosque, onde ficamos a sós:

– Eu sou uma pessoa muito egoísta, senhor Darcy, e quero aliviar meus sentimentos e, mais uma vez, ferir os seus. Preciso lhe agradecer pela intervenção a favor de Lydia. Se as outras pessoas da minha família soubessem de toda a verdade, eu não falaria apenas por mim e sim por todos.

Darcy aparentou surpresa e decepção:

– Sinto por ter sido informada de uma notícia que poderia ser tão mal interpretada.

– Não culpe minha tia, ela foi discreta. Foi por conta da leviandade de Lydia que eu soube do caso e não sosseguei até conhecer todos os detalhes. Obrigado por agir em nome de minha família, passando por cima de todos os incômodos que tal ato poderia ocasionar.

– Agradeça apenas por si própria, pois não nego o desejo de lhe ver feliz. Respeito muito a sua família, mas foi só em você que pensei.

Fiquei acanhada por alguns minutos. Darcy continuou sua retórica:

– Minha afeição por você continua a mesma, porém basta que diga uma única palavra para que eu me silencie para sempre.

Permaneci calada, denotando ao meu amado que meus sentimentos haviam passado por grandes transformações desde a última vez que os proclamara. Darcy percebeu que agora suas declarações seriam aceitas com prazer e gratidão e ele exprimiu, com muita felicidade, os termos calorosos de sua paixão.

Eu não podia entender o motivo daquela devoção e Darcy explicou-me que soubera por sua tia que a jovem Elizabeth Bennet ousara desafiá-la e não recusara a possibilidade de um relacionamento.

– Conhecendo seu caráter, – disse Darcy – sabia que, se estivesse resolvida em me recusar novamente, o faria com franqueza.

– Já que o tratei de modo tão abominável, não poderia fazer diferente com sua família...

– Não me tratou mal. Eu mereci cada palavra. Suas acusações se basearam em premissas falsas, mas minha atitude naquela época foi orgulhosa e imperdoável. Acredito que sua conduta foi fundamental para a minha transformação.

Caminhamos até o *hall* da casa, onde nos separamos. Na hora do jantar, todos riam e se divertiam. Os noivos oficiais estavam eufóricos enquanto que os não oficiais estavam calados. Eu estava submersa em minhas preocupações e confusões e Darcy não era o tipo de pessoa que transbordava de felicidade. Eu tinha consciência da minha alegria, mas ainda não tinha condição de senti-la propriamente. Eu temia a antipatia da família do senhor Darcy e até mesmo a reação que minha mãe teria frente àquela notícia, pois odiava o dono de Pemberley. À noite, pude me abrir com Jane, que não acreditou em minhas palavras:

– Oh, Lizzy, não pode ser! Você o detesta!

Contei a ela tudo o que se passara, todas as informações meticulosas que me fizeram mudar os pensamentos em relação aquele homem, até que Jane, não se contendo de alegria, disse:

– Você será tão feliz quanto eu!

No dia seguinte, minha mãe, ao se aproximar da janela, viu Darcy se aproximando ao

lado de Bingley e disse:

– Arre, eu não sei o que este homem desagradável quer aqui. Por que não vai caçar, ou fazer outra coisa ao invés de nos atrapalhar com suas constantes visitas? Acho melhor, Lizzy, que você se ocupe com este homem novamente, para que não estrague o casamento de sua irmã.

Apesar de contrariada com aquelas manifestações, não pude deixar de rir diante de proposta tão conveniente. Bingley entrou e, com brilho nos olhos, apertou-me a mão de forma calorosa, mostrando que estava bem informado. Senhora Bennet rapidamente propôs que eu fosse dar um passeio até Oakham Mount em companhia de Kitty e Darcy.

– Estou certo de que o caminho é longo demais para Kitty. Não é, Kitty? – indagou senhor Bingley piscando para mim.

Kitty declarou que preferia ficar em casa e, dessa forma, eu pude ficar a sós com o dono de Pemberley.

– Sinto muito que você tenha que acompanhar este homem, Lizzy. – disse minha mãe, num aparte. – Mas é para o bem de Jane.

“E para o meu também”, pensei.

Durante o passeio, resolvemos que senhor Darcy solicitaria o consentimento de meu pai naquela mesma noite. Eu me prontifiquei a dar a notícia para minha mãe. Eu sabia que a fortuna do rapaz seria o suficiente para vencer a antipatia que a senhora Bennet tinha por meu pretendente, mas também temia por uma reação ruim. Positiva ou negativa, eu sabia que sua atitude não seria sensata e não podia tolerar que Darcy presenciasse tal cena.

À noite, quando meu pai se levantou para se encaminhar para sua biblioteca, Darcy fez o mesmo e solicitou uma breve audiência. Eu não temia a negação de meu pai, mas tinha certeza que esse casamento iria trazer-lhe preocupações. Darcy tornou a aparecer. O sorriso que ele deu me convenceu de que tudo havia saído conforme o esperado, o que me deixou um pouco mais aliviada. Eu estava sentada com Kitty, fingindo admirar seu trabalho e ele sussurrou no meu ouvido:

– Seu pai quer falar com você.

Senhor Bennet caminhava de um lado para o outro, com a expressão grave e preocupada. Ao ver-me, pediu explicações:

– Casamento com Darcy? Como assim? Sim, ele é rico, Lizzy! Em outras palavras, você poderá ter roupas, jóias, carruagens... Mas você será feliz?

– O senhor tem alguma objeção a não ser a sua suposição de que eu não goste do senhor Darcy?

– Absolutamente. Eu não me importaria com o fato dele ser orgulhoso e desagradável se você realmente gostasse dele.

– Eu o amo. – repliquei com lágrimas nos olhos. – Eu o amo muito! Ele é um homem bom e eu estava errada, muito errada! O senhor ainda não o conhece, portanto não me magoe falando mal a seu respeito.

– Eu não poderia me separar de você, minha cara Lizzy, se fosse para entregar-lhe para alguém menos digno de seu amor. Não se preocupe, minha filha, eu já consenti com este casamento.

Com a voz embargada, contei-lhe de minha mudança gradual através de todos aqueles meses e aproveitei para enumerar as qualidades de meu futuro marido. Finalizei meu depoimento explicando a conduta voluntária que Darcy tinha tido com Lydia, o que o deixou espantado:

– Hoje é uma noite de surpresas. Então Darcy arranjou tudo! Nada mal. Poupançou-me muito trabalho e despesas. Se tudo tivesse sido feito pelo seu tio, eu teria que acertar as contas com ele. Amanhã proporei pagamento a este jovem apaixonado, ele recusará furiosamente, alegando amor por você e tudo será esquecido.

Meu pai aproveitou para caçoar de mim por conta do embaraço que senti quando ele me apresentou a carta remetida pelo senhor Collins e, após solicitar que eu saísse da biblioteca, com lágrimas nos olhos, disse com tom sarcástico:

– Mande entrar os pretendentes de Mary e Kitty, pois não tenho mais nada para fazer.

Minha mãe teve reação mais explosiva quando soube que seria sogra do dono de Pemberley:

– Deus do Céu, imagine, como pode? Senhor Darcy? Quem poderia prever? Oh, minha Elizabeth, você será rica e importante. Imagine seu dote, imagine as joias e as carruagens! O casamento de Jane não se compara a isto. Um homem tão gentil, tão bonito, tão alto! Oh, perdoe eu ter antipatizado com ele no princípio, me perdoe! Minha cara Lizzy... você terá uma casa em Londres! Três filhas casadas, quinze mil libras por ano... eu vou ficar louca!

Congratulei-me de ter sido a única testemunha de tantas exclamações, mas fiquei com medo de que minha mãe tivesse um mal comportamento com meu noivo. Para minha satisfação, o dia seguinte foi melhor do que o esperado: minha mãe mudou sua atitude e passou a tratar o futuro genro com mais amabilidade, sem exageros, e senhor Bennet tentou se aproximar de Darcy e confidenciou que sua estima por ele aumentava a cada minuto:

– Meu genro favorito é Wickham, mas acho que posso aprender a gostar dos outros dois. – disse, irônico como sempre.

Escrevi para minha tia e agradei pelas informações que ela havia me dado, aproveitando a oportunidade para informá-la que a ideia dos pôneis pareciam encantadoras. A carta de senhor Darcy à sua tia foi escrita em estilo diferente, apenas informando-lhe a data de casamento. Os Collins também receberam uma carta, onde meu pai informava a ocasião do casamento e dizia de modo objetivo: “Console Lady Catherine como puder, mas se eu estivesse no seu lugar, ficaria ao lado do sobrinho.

Ele tem mais a dar”.

Georgiana passou a trocar correspondências comigo e pôde, inúmeras vezes, falar de sua alegria para com aquele casamento. As irmãs de Bingley também apresentaram seus parabéns à Jane, de modo que esta, mesmo não acreditando na total amizade das mesmas, buscou responder do modo mais amável do mundo, sem aludir os traumas do passado.

É fácil imaginar com que orgulho minha mãe passou a visitar suas filhas mais velhas, agora senhora Bingley e senhora Darcy. Eu gostaria de poder dizer que isto a tornou uma mulher sensata e agradável, mas para a felicidade de meu pai – que talvez não estivesse pronto para gozar tamanha felicidade doméstica – ela continuou ocasionalmente nervosa e tola em suas atitudes. Jane mudou-se de Netherfield e passou a morar no Derbyshire, onde Bingley comprou uma residência. Eu fui para Pemberley e residia a menos de trinta milhas de minha irmã querida. Kitty veio morar conosco e, longe de nossa mãe e Lydia, foi educada e tornou-se menos irritável e ignorante. Mary foi a única que permaneceu em casa, pois nossa mãe não aceitava a solidão e, vendo a necessidade de frequentar a sociedade, aceitou sem relutância a alteração em seus hábitos. Lydia pouco se alterou com o casamento, mas era usada por Wickham para obter dinheiro das irmãs mais afortunadas na vida e vivia solicitando empréstimos e doações para sustentar um modo de vida excêntrico, pois gastavam mais do que ganhavam. Aos poucos, perderam a afeição que possuíam um pelo outro e se tornaram indiferentes. Apesar dos atos impensados, Lydia conservou intacta a reputação que o casamento lhe trouxera.

Georgiana foi residir conosco em Pemberley e sua afeição por mim superou todas as expectativas. Lady Catherine, como se esperava, ficou indignada com o casamento do sobrinho e respondeu sua carta com a firmeza que a caracterizava. Durante algum tempo as relações foram cortadas, mas afinal, consegui que meu marido a perdoasse e buscasse a reconciliação. Depois de muita resistência, Sua Senhoria cedeu e talvez pelo carinho que tinha por Darcy, ou a curiosidade de ver como eu presidia sua mesa, acabou consentindo em visitar-nos em Pemberley, mesmo sabendo que meus tios também chegariam em breve para passar o Natal.

Coleção Encontro com os clássicos

- A Ilha do Tesouro, Robert L. Stevenson, adaptação de Douglas Tufano e Renata Tufano Ho
- Os miseráveis, Victor Hugo, adaptação de Júlio Emílio Braz
- Orgulho e preconceito, Jane Austen, adaptação de João Pedro Roriz
- O príncipe e o mendigo, Mark Twain, adaptação de Lino de Albergaria
- Os Lusíadas, Luís de Camões, adaptação de Lino de Albergaria
- A divina comédia, Dante Alighieri, adaptação de Lino de Albergaria
- O médico e o monstro, Robert Louis Stevenson, adaptação de Douglas Tufano e Renata Tufano Ho
- O fidalgo Dom Quixote de La Mancha, Miguel de Cervantes Saavedra, adaptação de Lino de Albergaria
- Fausto, Johann Wolfgang von Goethe, adaptação de Douglas Tufano e Renata Tufano Ho
- Sonho de uma noite de verão, William Shakespeare, adaptação de Douglas Tufano e Renata Tufano Ho
- O corcunda de Notre-Dame, Victor Hugo, adaptação de Douglas Tufano e Renata Tufano Ho
- O retrato de Dorian Gray, Oscar Wilde, adaptação de Douglas Tufano e Renata Tufano Ho
- As aventuras de Robinson Crusoe, Daniel Defoe, adaptação de Douglas Tufano e Renata Tufano Ho

Austen, Jane, 1775-1817.
Orgulho e preconceito / Jane Austen; adaptação de João Pedro Roriz.
– São Paulo: Paulus, 2012. – (Coleção Encontro com os clássicos)
Título original: *Pride and prejudice*.
1. Ficção inglesa I. Roriz, João Pedro. II. Título. III. Série.

09-04349
CDD-823

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura inglesa 823

Adaptação baseada na obra original
Pride and Prejudice de Jane Austen

Direção editorial
Zolferino Tonon

Coordenação editorial
Jakson Ferreira de Alencar

Coordenação de desenvolvimento digital
Erivaldo Dantas

Ilustração da capa
Robson Araújo

© PAULUS – 2013
Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 São Paulo (Brasil)
Fax (11) 5579-3627 • Tel. (11) 5087-3700
www.paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-3450-3

Hildegarda de Bingen

Scivias

(Scito Vias Domini)

Conhece os caminhos do Senhor



Scivias

de Bingen, Hildegarda

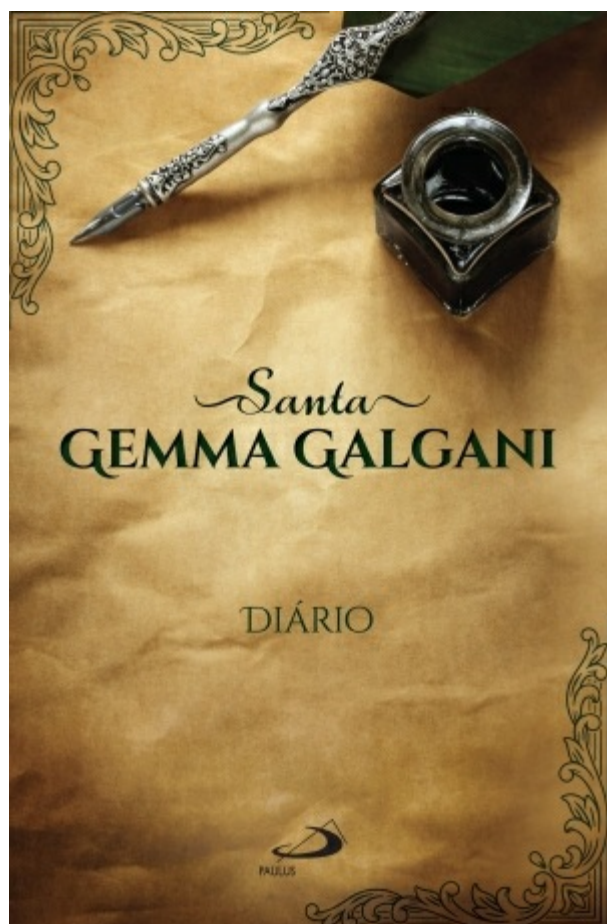
9788534946025

776 páginas

[Compre agora e leia](#)

Scivias, a obra religiosa mais importante da santa e doutora da Igreja Hildegarda de Bingen, compõe-se de vinte e seis visões, que são primeiramente escritas de maneira literal, tal como ela as teve, sendo, a seguir, explicadas exegeticamente. Alguns dos tópicos presentes nas visões são a caridade de Cristo, a natureza do universo, o reino de Deus, a queda do ser humano, a santificação e o fim do mundo. Ênfase especial é dada aos sacramentos do matrimônio e da eucaristia, em resposta à heresia cátara. Como grupo, as visões formam uma summa teológica da doutrina cristã. No final de Scivias, encontram-se hinos de louvor e uma peça curta, provavelmente um rascunho primitivo de Ordo virtutum, a primeira obra de moral conhecida. Hildegarda é notável por ser capaz de unir "visão com doutrina, religião com ciência, júbilo carismático com indignação profética, e anseio por ordem social com a busca por justiça social". Este livro é especialmente significativo para historiadores e teólogas feministas. Elucida a vida das mulheres medievais, e é um exemplo impressionante de certa forma especial de espiritualidade cristã.

[Compre agora e leia](#)



Santa Gemma Galgani - Diário

Galgani, Gemma

9788534945714

248 páginas

[Compre agora e leia](#)

Primeiro, ao vê-la, causou-me um pouco de medo; fiz de tudo para me assegurar de que era verdadeiramente a Mãe de Jesus: deu-me sinal para me orientar. Depois de um momento, fiquei toda contente; mas foi tamanha a comoção que me senti muito pequena diante dela, e tamanho o contentamento que não pude pronunciar palavra, senão dizer, repetidamente, o nome de 'Mãe'. [...] Enquanto juntas conversávamos, e me tinha sempre pela mão, deixou-me; eu não queria que fosse, estava quase chorando, e então me disse: 'Minha filha, agora basta; Jesus pede-lhe este sacrifício, por ora convém que a deixe'. A sua palavra deixou-me em paz; repousei tranquilamente: 'Pois bem, o sacrifício foi feito'. Deixou-me. Quem poderia descrever em detalhes quão bela, quão querida é a Mãe celeste? Não, certamente não existe comparação. Quando terei a felicidade de vê-la novamente?

[Compre agora e leia](#)



DOCAT

Youcat, Fundação

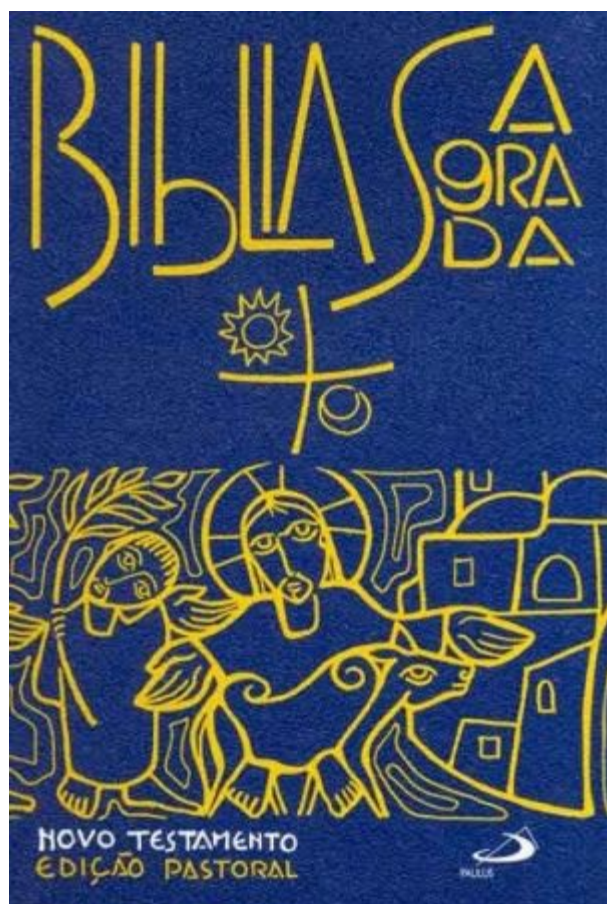
9788534945059

320 páginas

[Compre agora e leia](#)

Dando continuidade ao projeto do YOUCAT, o presente livro apresenta a Doutrina Social da Igreja numa linguagem jovem. Esta obra conta ainda com prefácio do Papa Francisco, que manifesta o sonho de ter um milhão de jovens leitores da Doutrina Social da Igreja, convidando-os a ser Doutrina Social em movimento.

[Compre agora e leia](#)



Bíblia Sagrada: Novo Testamento - Edição Pastoral

Vv.Aa.

9788534945226

576 páginas

[Compre agora e leia](#)

A Bíblia Sagrada: Novo Testamento - Edição Pastoral oferece um texto acessível, principalmente às comunidades de base, círculos bíblicos, catequese e celebrações. Esta edição contém o Novo Testamento, com introdução para cada livro e notas explicativas, a proposta desta edição é renovar a vida cristã à luz da Palavra de Deus.

[Compre agora e leia](#)

LEE MARTIN McDONALD

A origem da Bíblia

Um guia para os perplexos



A origem da Bíblia

McDonald, Lee Martin

9788534936583

264 páginas

[Compre agora e leia](#)

Este é um grandioso trabalho que oferece respostas e explica os caminhos percorridos pela Bíblia até os dias atuais. Em estilo acessível, o autor descreve como a Bíblia cristã teve seu início, desenvolveu-se e por fim, se fixou. Lee Martin McDonald analisa textos desde a Bíblia hebraica até a literatura patrística.

[Compre agora e leia](#)

Índice

ROSTO	2
DEDICATÓRIA	4
INTRODUÇÃO	5
1	6
2	13
3	21
4	33
5	41
6	51
7	60
8	69
COLEÇÃO	77
CRÉDITOS	78